DIÁRIO DE NATAL
projeto
EDUCAÇÃO

NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

NATAL, SEXTA-FEIRA, 31 DE MARÇO DE 2006

Editor: francerle@diariodenatal.com.br

1999-2000-2001

Fundação Assis Chateaubriand

Nísia Floresta Brasileira Augusta

A primeira feminista do Brasil

FEMINISTA, ABOLICIONISTA, INDIANISTA, REPUBLICANA, UMA MULHER ALÉM DO SEU TEMPO

NESTA EDIÇÃO

Arquimedes Ramos / DN

Francerle, Valéria, Adriana e Sérgio Villar: a equipe de reportagem desta edição do DN Educação.

O DN Educação/Projeto Ler do DIÁRIO DE NATAL resgata, nesta edição, a Vida e a Obra de Nísia Floresta, reconhecida pelo historiador Oliveira Lima como a mais notável mulher de letras do Brasil. Colhemos artigos, depoimentos e reportagens com estudiosos do tema e construímos um trabalho que esperamos contribuir para o acervo de pesquisa sobre essa conterrânea que um dia ousou em combater as injustiças sociais contra a mulher, o índio e o negro, através da educação e da sua produção literária. O mais surpreendente é que o tempo parece não ter passado e que o 'pensamento nisiano' nunca esteve tão atual.

DN EDUCAÇÃO

Diretor Presidente: Gladstone Vieira Belo
Diretor Geral: Albimar Furtado
Diretor de Redação: Osair Vasconcelos
Promoções e Projetos Especiais: Afonso Laurentino Ramos
Editor do Suplemento: Francisco Francerle
Reportagens: Adriana Amorim, Sérgio Villar, Valéria Credídio e Francisco Francerle
Fotografia: D'Luca e arquivo Escola Doméstica
Diagramação: Paulo Moreira e Silvana Belkiss
Produção e pesquisa: Francisco Francerle / Adriana Amorim
Telefone: 4009.0192 - *francerle@diariodenatal.com.br*

ARTIGO — BRASÍLIA CARLOS FERREIRA*

Nísia Floresta são muitas

Nísia Floresta: indianista, abolicionista, republicana, feminista, jornalista, poetisa, educadora. Uma mulher à frente de seu tempo. Ultrapassando as interdições de sua época, fez de sua vida um manifesto em favor da liberdade.

Nísia, antena da raça, escreveu, falou e agiu em prol da emancipação feminina, antecipando em quase dois séculos, questões que hoje o feminismo se põe. Feminista avant la lettre, aos 21 anos já escrevia sobre a condição feminina. A palavra falada, em Conferências e a escrita, na produção alentada, foram utilizadas para evidenciar a opressão e o preconceito em relação aos índios, escravos, mulheres, objetos de sua atenção e de sua vontade de mudar um mundo injusto, moralista e excludente.

Indianista, escreveu A Lágrima de um Caeté, transmutando em poesia sofrimentos e destratos à população indígena, selvagemente arrancada de sua terra e de sua cultura. Abolicionista, pregava em conferências a emancipação dos escravos, contrariando um Brasil de Sinhás e uma sociedade em que homens eram avaliados e vendidos como cavalos. Espírito aberto, defendeu a liberdade de cultos, credos. Republicana, em um país que ainda hoje hesita em abandonar o jugo do patriarcalismo e do patrimonialismo denunciou um sistema que reserva a alguns o que deveria ser comum a todos: o direito a ter direitos.

Escritora, jornalista e poetisa, expressou idéias em espaços onde pontificavam os homens. Culta, seus textos buscavam na tradição das sociedades antigas, referências sobre a cultura e modos de vida das mulheres. Tradutora, publicou Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens, versão livre de Vindication of the Rights of Womam, da feminista inglesa Mary Wollstonecraft, contraponto à Declaração Universal dos Direitos do Homem, em que critica a idéia dominante da superioridade masculina.

Educadora, foi militante na defesa de uma educação sólida e libertária. Um ensino sem a pedagogia de castigos corporais, sem a tortura dos açoites, que humilhavam meninos e das palmatórias que castigavam as meninas, com a ampla concordância dos pais. Combateu métodos baseados na tortura com a sua pedagogia da liberdade, numa proposta de educação visionária, voltada para a formação de homens e mulheres, capazes de atuar não apenas na vida privada, mas também de tornarem-se cidadãos e cidadãs aptos a atuarem no espaço público.

Na condição de diretora-proprietária de educandários para moças, Nísia definiu um projeto educacional no qual o ensino das prendas domésticas era acompanhado de formação sólida em línguas e conhecimentos gerais, o que respondia à sua preocupação com a formação das mulheres para que pudessem conquistar um lugar digno na sociedade. Foi pioneira na defesa do direito das mulheres à instrução e ao trabalho como caminho para que fossem respeitadas. Tinha uma visão igualitária do mundo, um senso de justiça e de liberdade que destoava da sociedade de sinhazinhas e sinhozões em que viveu.

O mundo foi pequeno para Nísia: Pernambuco, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro, depois Portugal, Itália e França: As Catedrais de Rouen, terra de Flaubert e de Monet, são testemunhas de sua presença, lá onde em 1431, outra mulher, Joana D'Arc foi queimada numa fogueira, por ter ousado desafiar as regras de seu tempo.

Nísia deve ser enaltecida por todas as mulheres pela coragem de ousar agir sobre a sociedade de sua época. Ela não fez apenas a crítica teórica, mas também a crítica prática, ao buscar atuar na sociedade, quebrando costumes e normas que privilegiavam o patriarcado. Através da atividade literária, empenhou-se na luta concreta para mudar o status quo. Sua produção é extensa e plural: mais de 20 publicações escritas em português, francês e italiano, sob a forma de artigos, ensaios, poemas e crônicas.

Pelos seus feitos Nísia Floresta atingiu a excelência, através da qual, segundo os gregos, se garante a imortalidade. O ineditismo e a ousadia de suas idéias, bem como o testemunho de sua vida, fazem de Nísia uma mulher a ser homenageada e reverenciada por todos e todas nós. Como? Não apenas com elogios e rapapés, mas levando adiante sua luta pela igualdade de gêneros, hoje atualizada na equalização salarial entre homens e mulheres e na presença igualitária de homens e mulheres em todos os espaços de poder na sociedade.

** Professora do Depto de Ciências Sociais da UFRN*

OPINIÃO — HUDSON BRANDÃO*

Uma visão sobre Nísia

Fui apresentado à Nísia Floresta através de um dos seus livros: "Três anos na Itália seguidos de uma viagem à Grécia". Este livro me foi presenteado por um amigo e traduzido por um ex-colega de seminário, Francisco das Chagas Pereira.

Assim, lendo a sua obra descobri uma mulher de uma interioridade profunda, culta, sensível, libertária e patriótica.

Surpreende-me a grandeza do "espírito humano" manifestado a nós pelo surgimento dos gênios, dos artistas e dos santos. E, diante daquela obra, pude constatar a genialidade e grande capacidade artístico-literária de Nísia Floresta.

Tenho a certeza de que há genes que possuem as características de raça considerada superior, como os judeus e alemães, artistas que se desenvolveram no seio da família e, santos que floresceram em ambiente religioso.

Diante de tudo isto, o que mais nos admira são as exceções que aparecem como fenômenos que estão além das causas e circunstâncias que evidenciam uma ultrapassagem das leis da evolução.

No roteiro de viagem de Nísia Floresta não são encontradas simples reminiscências. Nele está o relato que expressa o interior de uma mulher, que a cada momento revela o seu extraordinário conhecimento de história e da arte, da política e das artimanhas da vida. Uma mulher que questiona o momento político vivido pela Itália e pela Igreja Católica; analisa criticamente a educação dos jovens franceses oferecido por escolas de renome dentro de um padrão tradicional; ressalta o coquetismo das mulheres da sociedade européia.

Portanto, encontramos uma mulher que presta atenção nos acontecimentos corriqueiros, capaz de fazer amigos onde chega sobretudo no meio intelectual e artístico e, ao mesmo tempo, dotada de grande amor a família e a sua terra. Isto é possível, também, verificar a partir do seu próprio pseudônimo: Nísia Floresta Brasileira Augusta.

Concluindo, após a leitura do seu diário de viagem, me senti orgulhoso de já no século XIX ter uma conterrânea de tão alta grandeza e profundidade humana.

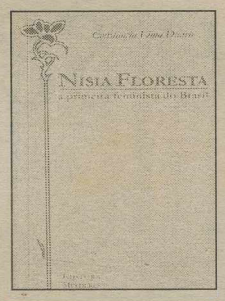
** Secretário Estadual de Educação*

Agradecimentos

- Constância Lima Duarte (professora da UFMG)
- Noilde Ramalho (diretora da Escola Doméstica de Natal)
- Profª Diva Cunha (professora da UFRN)
- Enélio Petrovich (Instituto Histórico e Geográfico do RN)
- Arisnete Câmara (Base de Pesquisa Gênero e Práticas Culturais - UFRN)

ENTREVISTA | CONSTÂNCIA LIMA DUARTE

Nísia Floresta é a principal página de luta contra a discriminação no Brasil e Constância Duarte o seu mais importante baluarte. Há mais de 20 anos estudando a vida e a obra de Nísia, essa professora da Universidade Federal de Minas Gerais já escreveu vários títulos e verbetes sobre Nísia nos principais livros e dicionários da mulher brasileira. Agora mesmo descobriu um novo romance da escritora: "Dedicação de uma amiga", publicado em 1850, em Niterói. Na entrevista, ela fala dos avanços das pesquisas, principalmente no meio acadêmico, e defende ações mais eficazes do poder público para a promoção de fatos e eventos que visem a popularização da figura de Nísia Floresta a nível nacional e até mesmo na cidade onde ela nasceu, dissipando os resquícios de preconceitos.



Uma página de luta contra a discriminação

Francisco Francerle
Editor do DN Educação

A pesquisa sobre Nísia Floresta, desenvolvida ao longo dos anos, tem conseguido avanços significativos? Ainda existe muito a ser descoberto?

Bem, como vocês sabem, meu envolvimento com a figura de Nísia Floresta data de 1985, quando ainda era professora do Departamento de Letras da UFRN, e me preparava para o doutorado na USP. Tentei, na ocasião, percorrer os passos de Nísia, ou seja, ir a cada cidade em que ela havia residido, mesmo por pouco tempo, à procura de indícios de sua presença. Assim, fui a Recife, Olinda, Porto Alegre, Rio de Janeiro, Lisboa, Coimbra, Londres, Roma, Florença, Nápoles, Paris, Cannes e Rouen, e em cada uma encontrei alguma coisa, como livros, documentos, quadros, cartas, ou informações as mais diversas pelos jornais. Também pesquisei em inúmeros arquivos e bibliotecas do país, tanto públicos como particulares, na tentativa de reunir o maior número possível de obras e dados bibliográficos. Sabia-se que ela havia publicado cerca de 15 títulos, dentre poemas, romances, novelas e ensaios, e que havia deixado diversos textos na imprensa de seu tempo. Ao final da pesquisa, e da tese, localizei 12 livros, e recolhi parte significativa de sua colaboração em jornais do Rio, Lisboa, Paris e Florença.

Além disso, outros pesquisadores estudaram Nísia Floresta, e fizeram pesquisas e reflexões em torno dela. Respondendo então à sua pergunta, sem dúvida nenhuma hoje conhecemos muito mais sobre Nísia que há dez ou vinte anos atrás. O conjunto de livros dela, e sobre ela, que está hoje no mercado contribui decisivamente para isso.

Que setores da sociedade mais têm estimulado a pesquisa sobre Nísia?

Creio que é o setor acadêmico, isto é, a universidade. Nos últimos anos tive oportunidade de participar de bancas de tese que tratam dela e de sua obra, e há diversos estudos que a colocam em destaque. Nos últimos anos, a universidade brasileira tem passado por um especial e profícuo momento de revisão da literatura, o que tem permitido o resgate de antigos autores e a reedição de obras inéditas. Mas, com certeza, outros setores também estão trabalhando com Nísia, pelos mais diferentes enfoques e interesses. O mais recente que tenho notícia, e do qual participo, é a escolha do nome de Nísia Floresta para tema do Projeto Memória, da Fundação Banco do Brasil. Veja que fato mais importante: o Projeto Memória 2006 vai homenagear justo a escritora potiguar! Nas versões anteriores as personalidades escolhidas foram Monteiro Lobato, Josué de Castro, Oswaldo Cruz, Rui Barbosa e Juscelino Kubitschek. No raiar do novo milênio, Nísia será a primeira mulher homenageada pelo projeto. Com certeza, esta iniciativa vai contribuir muito para promovê-la a nível nacional, principalmente junto aos estudantes do ensino fundamental, médio e universitário.

Está trabalhando em algum projeto específico sobre o tema?

No momento termino a revisão de meu livro Nísia Floresta: vida e obra para a Editora da UFRN fazer a segunda edição, pois está esgotado, e preparo um volume com os escritos esparsos e inéditos de Nísia Floresta, que encontrei em jornais e revistas e que ainda não foram reunidos em livro. Além disso, faço parte da equipe do Projeto Memória 2006, que mencionei. Já foi lançado o Concurso de redação e de ensaios sobre a autora, e logo serão divulgadas outras iniciativas.

Apesar de já existir uma grande produção intelectual de Nísia, você ainda acredita existir livros dela a serem descobertos e publicados?

Creio que sim. Há poucos meses localizei um de seus romances que continuava desaparecido, e que nenhum dos pesquisadores que me antecederam haviam conhecido. Seu título é Dedicação de uma amiga, e havia sido publicado em Niterói em 1850. Ouso afirmar que este romance é o primeiro publicado por um escritor - no caso, escritora - do Rio Grande do Norte. Cascudo considerava Mistérios de um homem rico, de Luiz Carlos Lins Wanderley, como o primeiro romance norte-rio-grandense, e ele surgiu em torno de 1880. Mas Nísia Floresta também deve ser considerada uma das primeiras romancistas do país, o que não é pouco, convenhamos.

O que os poderes públicos poderiam fazer para tornar a figura de Nísia mais conhecida e preservar sua memória na cidade que herdou seu nome

Creio que há muito a ser feito, não apenas para divulgar Nísia como inúmeros outros escritores que permanecem esquecidos até no lugar em que nasceram. Toda cidade, eu acho, deveria ter sua "casa de cultura", ou algo semelhante, que funcionasse como um espaço de aglutinação para literatos, artistas e intelectuais, e promovesse encontros com estudantes, lançamentos de livros, projeção de filmes, exibição de peças teatrais, enfim, que propiciasse a reflexão e o debate sobre tudo que fosse de interesse do grupo. Se os órgãos públicos realmente incentivassem os professores e os estudantes para a pesquisa e para a realização de trabalhos culturais, muita coisa ia mudar nas cidades. No mínimo, aumentaria o conhecimento acerca da região, da história e dos nomes que contribuíram para a cultura local. Mas hoje está muito melhor que alguns anos atrás, quando predominava, junto com o desconhecimento, até um certo despreso, fruto da desinformação. Muita gente não gosta quando se fala disso, mas é verdade. Mas também é preciso não generalizar. Sei de pessoas da cidade que sempre tentaram fazer alguma coisa. Lembro-me agora de Socorro Trindad, que escreveu alguns livros, e de um professor de Nísia Floresta, de nome Luiz Carlos, que trabalhava com teatro e encenou uma peça sobre a vida da autora.

A sociedade brasileira em geral reconhece a figura de Nísia Floresta como uma mulher que lutou pelos direitos sociais de minorias, como a mulher, o negro e o índio?

Uma parte desta sociedade, a mais intelectualizada e bem informada, penso que sim. Mas creio que predomina ainda entre nós um grande e absurdo desconhecimento de nossa história. Se pensamos nas mulheres, por exemplo, e na luta que foi preciso enfrentar para que se tornassem cidadãs, pudessem votar, serem votadas, terem direito ao trabalho, a uma remuneração, ou mesmo para terem direitos ainda mais elementares, como aprender a ler, dirigir a própria vida, etc. etc., ninguém sabe nada. Fica parecendo, para as novas gerações, que o mundo sempre foi assim, como é hoje, e que não houve uma história de lutas e conquistas por trás de tudo. Não se sabe nada, muito menos os nomes das que lideraram estes momentos e enfrentaram os preconceitos e as resistências que vinham de todo lado. E Nísia é página desta história. Aliás, uma importante página. Voltando à sua questão, digo que pouca gente sabe do papel de Nísia em tudo isso, e que não conhece o que ela escreveu para afirmar a identidade social da mulher, do negro e do indígena brasileiro.

E as próprias entidades de defesa das minorias entendem essa importância?

Creio que não. Talvez umas poucas. Ainda há muito a ser feito pela divulgação de Nísia Floresta. Por isso precisamos de muito mais teses, dissertações, livros, filmes, DVDs, vídeos, peças de teatro, enfim, de projetos que falem de seu trabalho e da figura humana incrível que ela foi.

TRAJETÓRIA RECONHECIDA COMO A MAIS NOTÁVEL MULHER DE LETRAS DO BRASIL, NÍSIA FLORESTA TEM UMA HISTÓRIA DE RESISTÊNCIA NA LUTA PELOS DIREITOS DAS MINORIAS

O resgate de uma mulher além do seu tempo

Num tempo em que a maioria das mulheres restringia sua atuação à altura das chamas do fogão, nascia no Rio Grande do Norte aquela que seria a primeira feminista do Brasil, que também foi escritora, poetisa, educadora, jornalista, socióloga, abolicionista, indianista e republicana. Nascida em 12 de outubro de 1810, em Papary, Rio Grande do Norte, filha do advogado português Dionísio Gonçalves Pinto com uma brasileira, Antônia Clara Freire, foi batizada como Dionísia Gonçalves Pinto, mas ficou conhecida pelo pseudônimo de Nísia Floresta Brasileira Augusta.

Nísia é o final de seu nome de batismo. Floresta, o nome do sítio onde nasceu. Brasileira é o símbolo de seu ufanismo, uma necessidade de afirmativa para quem viveu quase três décadas na Europa. Augusta é uma recordação de seu segundo marido, Manuel Augusto de Faria Rocha. Aguerrida defensora dos direitos da mulher, escreveu 15 livros ao longo de seus 74 anos de vida, a maioria falando sobre questões referentes à mulher, como reflexões sobre direitos, deveres e educação.

Essa é a figura de uma das mais ilustres mulheres do século XIX, reconhecida, sobretudo, hoje em dia por ter rompido barreiras e preconceitos no que se referiam e ainda se referem às chamadas minorias, e a quem o Projeto Ler/DN Educação do DIÁRIO DE NATAL presta uma justa homenagem através deste rico material de pesquisa sobre sua vida e obra.

Para o resgate da obra dessa importante figura, vários pesquisadores percorreram arquivos e bibliotecas do Nordeste ao Sul do país, assim como no exterior - Portugal, França e Itália -, recolhendo marcas e informações que lhe permitissem reconstruir a trajetória da personagem em foco.

Se agora ela começa a se tornar um pouco mais conhecida é justamente por esse trabalho de resgate e recuperação de autoras e obras do passado, que vem sendo feito em nossas universidades, por inúmeras pesquisadoras. Alguns de seus livros estão sendo reeditados e suas idéias voltam para nos lembrar um pouco da sofrida história das mulheres pelo reconhecimento de seus direitos e de sua capacidade intelectual.

A HISTÓRIA

Com a Revolução de 1817, cresceu o sentimento antilusitano em todo o Nordeste, levando sua família a deixar o Rio Grande do Norte para residir em Goiana, em Pernambuco, centro desenvolvido econômica e intelectualmente. Nessa cidade, no Convento das Carmelitas, que possuía uma rica biblioteca, Dionísia foi iniciada nos estudos clássicos, no trabalho manual e no canto. Sob influência do pai, um homem culto e liberal que chegara ao Brasil nos primeiros anos do século XIX, ela tomou contato com a cultura européia. Anos após, passou a dominar os idiomas francês e italiano.

Nascida e criada em uma família tradicional - sua mãe era proprietária de vastas extensões de terras -, Nísia se casou pela primeira vez aos 13 anos, em Papary. Ela nem mesmo conhecia o rapaz. Seu nome, Manuel Seabra de Melo, jovem pouco culto e dono de grandes extensões de terra. Alegando não amá-lo, a moça abandonou o marido alguns meses depois, voltando a residir com os pais, em Goiana, tendo sido essa sua primeira iniciativa na tentativa de quebrar os limites impostos pela sociedade plenamente patriarcal, que recriminou penosamente sua ousada atitude.

Posteriormente, a família mudou-se para Olinda, onde seu pai exerceu a advocacia. As revoltas e os antagonismos entre Dionísio e membros da elite local resultaram na depredação e saque do sítio da família em Papary e no seu trágico assassinato por um opo-

A antiga estação de trem de Papary, hoje cidade de Nísia Floresta

nente na causa jurídica, no dia 17 de agosto de 1828, quando Nísia ia completar 18 anos.

Depois, Nísia passou a residir com Manuel Augusto de Faria Rocha, acadêmico da Faculdade de Direito de Olinda. Sua atitude foi extremamente corajosa para a época, pois seu primeiro marido, inconformado com a separação, ameaçava-a constantemente, acusando-a de adultério. Em decorrência de tais fatos, foi vítima de campanha caluniosa, especialmente por parte de seus conterrâneos. Em 12 de janeiro de 1830, nasce a filha Lívia Augusta de Faria Rocha, companheira das viagens pela Europa e sua futura tradutora. No ano seguinte, nasce um segundo filho do casal que não sobreviveu.

Concluindo o curso de Direito, em agosto de 1832, Manoel Augusto transfere-se com Nísia, sua filha, sua mãe e irmãs, Clara e Izabel, para Porto Alegre-RS, onde nasceu em janeiro de 1833, no mesmo dia em que Lívia havia nascido três anos antes, o filho Augusto Américo de Faria Rocha.

Manuel Augusto morre repentinamente com 25 anos, em 29 de agosto de 1833, deixando-a com os dois filhos pequenos. A dor por esta morte prematura e as saudades da mulher apaixonada pontuarão seus escritos, como a testemunhar a fidelidade ao companheiro morto. Ela decide permanecer na capital gaúcha até 1837, chegando até mesmo a dirigir um colégio para meninas, quando o clima da cidade fica tenso e difícil com a Revolução Farroupilha, principalmente para uma mulher chefe de uma família composta por crianças e outras mulheres, levando Nísia a transferir-se para o Rio de Janeiro.

Em 1849, sua filha Lívia sofre um acidente ao cair de um cavalo, e o médico, após semanas de tratamento, aconselha mudança de ares. Nísia Floresta resolve, então, ir para a Europa com os dois filhos, em 2 de novembro. Para muitos, a saúde da filha foi apenas um pretexto para ela se ausentar do país. Com efeito, a campanha difamatória nos jornais e o sucesso do livro elogiando os liberais eram motivos suficientes para a escritora se sentir pouco à vontade na Corte.

Em 27 de janeiro de 1852, embarca em Lisboa, rumo ao Brasil, no navio inglês Treviot, permanecendo no país até 1856, quase um ano após a morte de sua mãe, quando realizou sua segunda viagem à Europa, dessa vez acompanhada apenas de sua filha Lívia, enquanto Augusto Américo permanece no Rio, estudando. Só após dezesseis anos tornará a ver a paisagem carioca de que tanto gostava, bem como dos parentes que ficavam no cais.

Deixando a filha Lívia na Europa, esteve no Brasil novamente em 1872, dezesseis anos depois, tempo este em que permaneceu longe do filho. O período era de plena campanha abolicionista liderada por Joaquim Nabuco. Retorna para a Europa em 1875.

Nesse mesmo ano, Nísia recebe, semanas depois, a notícia de que seu irmão Joaquim Pinto Brasil havia falecido, em 9 de novembro. Três anos depois, ela transfere a residência de Paris para Rouen, cidade medieval do interior da França, e, em seguida, para Bonsecours.

Dez anos depois, em 24 de abril de 1885, numa quarta-feira de muita chuva, às nove horas da noite, Nísia Floresta Brasileira Augusta morre vítimada por uma pneumonia. Dias depois, é enterrada num jazigo perpétuo no Cemitério de Bonsecours. Em 1888, o Centro do Apostolado do Brasil publica Sete Cartas Inéditas de Auguste Comte a Nísia Floresta, no Rio de Janeiro.

Em 1889, aos 60 anos de idade, morre o filho Augusto Américo, no Rio de Janeiro. Seu nome é lembrado como o de um educador afável e o diretor dos colégios Santo Agostinho e Augusto, este último, de nome igual ao que sua mãe dirigiu. E em 1912, morre Lívia Augusta Gade, que é enterrada junto à mãe no Cemitério de Bonsecours. Desde 1855, Lívia residiu em vários países além da França, como Alemanha, Inglaterra, Itália e Portugal, e não retornou mais ao Brasil.

Quase setenta anos depois de sua morte, os restos mortais de Nísia Floresta foram trazidos da França, chegando, em 12 de setembro de 1954, em Papary, que, aliás, já se chamava Nísia Floresta. Desde então, Nísia repousa no mausoléu construído em sua homenagem, próximo do local da antiga residência do sítio Floresta.

Além da luta pelos direitos da mulher, a trajetória de Nísia Floresta é marcada pelo combate ao escravagismo e pela defesa da terra para os índios

METODOLOGIA ASCENSÃO E QUEDA DE UM PROJETO INOVADOR

Nísia, uma Educadora

A educação feminina no Brasil do século XIX revela o descaso quanto às capacidades e potencialidades das mulheres, parecendo, a rigor, desconhecer a produção literária feminina do período. Não consideravam o esforço de muitas delas para transpor os obstáculos e vencer os preconceitos e a ridicularização pública por ousarem penetrar em um espaço considerado de exclusividade masculina.

Com Nísia foi diferente, pois, com o pai, ainda no sítio Floresta, desenvolveu seus primeiros estudos, tendo aprendido noções de aritmética, doutrina cristã, história, desenho, música, trabalhos de agulha, caligrafia, noções de português, francês, geografia e até mesmo latim. Mas foi em Goiana, primeiro grande centro moral e intelectual de Pernambuco, onde Nísia abriu a inteligência maravilhada às surpresas da ciência e das letras, que havia de cultivar com esmero por toda a vida. Em Recife e Olinda, onde residiu até fins de 1832, passou a dar maior amplitude aos seus conhecimentos.

A paixão das letras e das ciências foi notável nesta mulher. Durante cinco anos, Nísia Floresta esteve em Porto Alegre, onde ficou viúva e se iniciou no magistério e onde se aprofundara no estudo das humanidades. Chegou ao Rio de Janeiro em 1837, onde encontrou uma cidadezinha de 137 mil habitantes, suja e assolada pelas endemias. Apesar de tudo, era a primeira cidade do Império e havia um extraordinário interesse pela instrução.

O Rio de Janeiro vivia uma verdadeira febre de escolas, elas surgiam na cidade às dezenas, dirigidas principalmente por estrangeiros, muitas vezes visando apenas o lucro e a beleza arquitetônica dos prédios. Mesmo assim, os educadores brasileiros encontravam grandes dificuldades para competir com os estrangeiros, portadores, algumas vezes, de títulos intelectuais que os habilitavam superiormente para a profissão.

Assim mesmo, sabendo dos obstáculos que iria encontrar, Nísia fundou o seu colégio ajudada só de si mesma. Adotou métodos que honravam os seus conhecimentos pedagógicos, lutou contra a rotina, desvelou-se pela formação moral das meninas e anunciou, no Rio, a inauguração do Colégio Augusto no Jornal do Comércio de 31 de janeiro de 1838, onde dizia que "além de ler, escrever, contar, coser, bordar, marcar e tudo mais que toca a educação doméstica de uma menina, ensinar-se-á a gramática da língua nacional por um método fácil, o francês, o italiano e os princípios gerais da geografia. Haverá igualmente neste colégio mestres de música e dança". Nísia respondeu à diversidade dos métodos adotados e ao caráter explicitamente comercial da maioria das escolas, oferecendo um projeto educativo voltado para meninas, que combinava o tradicional ensino de trabalhos manuais com sólidos conhecimentos.

Iniciando suas atividades em 15 de fevereiro, o Colégio Augusto funcionou ativamente durante 17 anos, na capital carioca. O nome da instituição é uma homenagem ao companheiro e grande amor de sua vida. Lá, ensinava-se também latim, caligrafia, religião cristã, aritmética, história e gramática inglesa, além de desenho e trabalhos de agulha.

Em 1846, no dia 18 de dezembro, o Jornal do Comércio publica a lista das alunas com menção honrosa do Colégio Augusto e a relação dos examinadores em diversas disciplinas. O nome de Lívia Augusta de Faria aparece como uma das premiadas em latinidade. O mesmo jornal, posteriormente, publica diversas críticas anônimas e de educadores concorrentes por considerar as propostas educacionais avançadas e inadequadas às meninas, bem como críticas ao ensino de latim. Um mês depois, o jornal O Mercantil também criticou o fato de o Colégio Augusto enfatizar o ensino de línguas e ciências, em detrimento dos trabalhos manuais.

Em 1849, Nísia seguiu para a Europa antes mesmo de encerrar o ano letivo, deixando, dessa forma, a direção da instituição.

REPERCUSSÃO LOGO NOS PRIMEIROS ANOS DE ATUAÇÃO, NÍSIA GANHOU O TÍTULO DE PRECURSORA DOS IDEAIS DE IGUALDADE E INDEPENDÊNCIA DA MULHER EM NOSSO PAÍS

A militância na imprensa e a defesa das minorias

Nísia Floresta foi uma das primeiras mulheres a publicar contos, poesias, novelas e ensaios na chamada grande imprensa da época, já a partir de 1830, ano em que seu pai fora assassinado em Recife-PE, para onde sua família havia se mudado. Em 1831, ela dá seus primeiros passos nas letras, publicando em um jornal pernambucano, "Espelho das Brasileiras", dedicado às senhoras pernambucanas, do tipógrafo francês Adolphe Emille de Bois Garin. Durante 30 números do jornal (de fevereiro a abril), Nísia colabora com artigos que tratam da condição feminina em diversas culturas.

Em 1832, Nísia publicou a obra "Direitos das Mulheres e Injustiças dos Homens", assinando como o nome que adotou definitivamente: Nísia Floresta Brasileira Augusta. Esta publicação deu-lhe o título incontestável de "precursora dos ideais de igualdade e independência da mulher em nosso país.

Envolveu-se plenamente com as questões culturais de seu tempo, manifestando-as em sua militância que se abria em diversas vertentes. Tal fato, porém, não se expressaria de forma compartimentada, mas como peças complementares de um mesmo plano de ação no conjunto de sua obra, sempre imbuída do propósito de formar e modificar consciências. As atividades jornalísticas exercidas por mulheres durante esse século e princípios do XX não se restringem ao âmbito doméstico ou feminino.

Recém-chegada da Europa, em 22 de fevereiro de 1852, o Jornal das Senhoras, do Rio de Janeiro, saúda a chegada da escritora e descreve sua experiência na Europa, a partir de informações da própria Nísia. Em 1853, publicou "Opúsculo Humanitário", uma coleção de 62 capítulos sobre a educação da mulher, dos quais os vinte primeiros tinham sido publicados anonimamente no Diário do Rio de Janeiro, durante aproximadamente três meses. Meses depois, com o livro já circulando, o texto aparece na íntegra em O Liberal, periódico político e noticioso, no período de julho de 1853 a maio de 1854.

PELA IGUALDADE DE DIREITOS

Nísia Floresta questiona em 1832 o porquê de não haver mulheres ocupando cargos de comando, tais como de general, almirante, ministro de estado e outras chefias. Ou ainda, porque não estão elas nas cátedras universitárias, exercendo a medicina, a magistratura ou a advocacia, uma vez que têm a mesma capacidade que os homens.

Como se vê, ela vai fundo em suas intenções de acender o debate e de abalar as eternas verdades de nossas elites patriarcais. No cenário nacional coube a Nísia Floresta o privilégio de praticamente deflagrar a formação de uma consciência feminista.

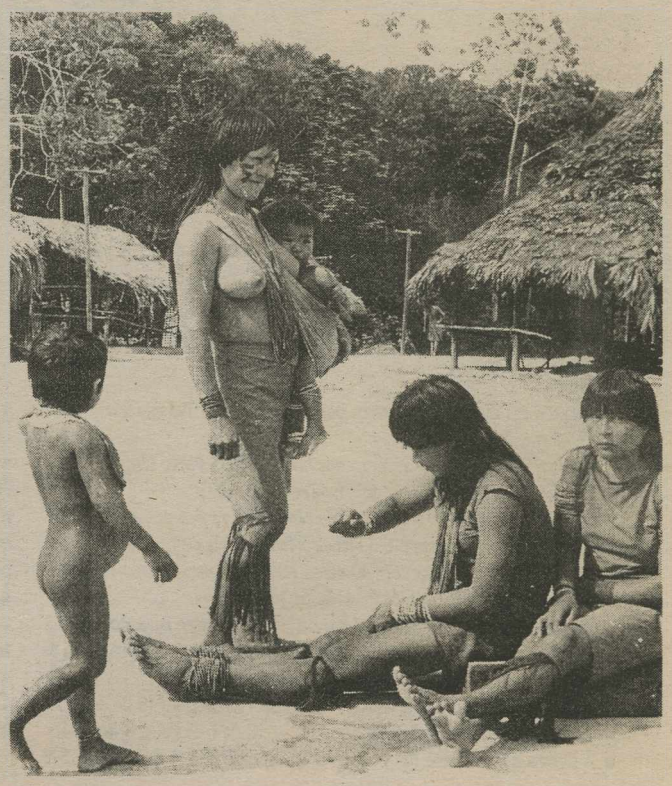
No período de março a junho de 1855, O Brasil Ilustrado publica em oito capítulos a crônica "Páginas de uma Vida Obscura", assinada B.A. O texto traz a história de vida de um negro escravo e o que a autora pensava, na época, acerca da escravidão.

No Opúsculo Humanitário manifestou-se contra a escravidão, falando como educadora que pressentia as graves repercussões que os costumes degradados de uma sociedade escravagista teriam sobre a formação das gerações jovens.

Também na abordagem de outras questões, como quando trata do índio brasileiro, ela foi precursora. Em um longo poema de 712 versos - intitulado A lágrima de um Caeté, de 1849 - estão dispostos interessantes posicionamentos da autora a respeito do indígena. Uma rápida leitura do texto permite a identificação de inúmeros elementos marcantes do romantismo como a lusofobia, o elogio da natureza e a exaltação de valores indígenas.

A novidade é que o poema traz não a visão do índio-herói que luta, presente na maioria dos textos indianistas conhecidos e, sim, o ponto de vista dos derrotados, do índio vencido consciente e inconformado com a opressão de sua raça pelo branco invasor. Não cabem, pois, em seu índio, os epítetos de inocente, de puro e de portador daquela "bondade natural", idealizados nas teorias filosóficas européias e adotadas pelos demais escritores brasileiros. O contato com o homem branco revelou-se pernicioso demais para ele (e a história confirma) com conseqüências irreversíveis.

A dor do indígena vem precisamente da consciência dessa irreversibilidade e do meio-lugar (ou lugar nenhum) em que se encontra. O discurso da narradora, absolutamente preso ao do índio e às vezes até se confundindo com o dele, acrescenta um dado fundamental: o da perda de identidade por parte do silvícola, que os escritores românticos do período tentavam escamotear. Conforme anúncios do Jornal do Comércio, foram tiradas pelo menos duas edições do poema em 1849. O motivo do sucesso deveu-se ao fato de tratar também da Revolução Praieira.



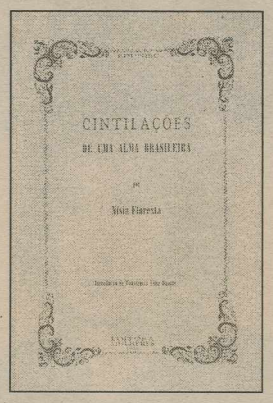
VISIONÁRIA NUMA ÉPOCA EM QUE A MULHER ERA SIMPLESMENTE SINHAZINHA, NÍSIA FLORESTA QUESTIONOU A ORDEM VIGENTE

A escritora

Nísia Floresta publicou em vida quinze obras, em português, francês e italiano. No entanto, embora seus livros fossem bem acolhidos inclusive na Europa, não obteve sequer menção de nenhum dos críticos e historiadores daqui. Gilberto Freyre é um dos raros escritores brasileiros que tomou conhecimento da existência e da importância de Nísia Floresta. Em "Sobrados e Mocambos" apresenta-a como "uma exceção escandalosa".

Seu primeiro trabalho foi, a princípio, inspirado no livro da feminista inglesa Mary Wollstonecraft, "Vindications of the Rights of Woman", onde Nísia teria dito na apresentação que seria uma tradução livre. No entanto, pesquisadores da escritora descobriram que o trabalho não se referia somente à obra da feminista inglesa, nem tampouco se tratava de uma tradução. Segundo Constância Lima Duarte, o termo "tradução livre" significa, na verdade, "criação livre", e era bastante usado no século XIX com este significado. "Considero este trabalho como sendo um novo livro, de autoria de Nísia Floresta. Nele, podemos perceber ecos de pensamentos de outros autores, como a edição francesa de Mrs. Godwin, entre outros".

Na época de sua publicação, no ano de 1832, em Recife, sob o título de "Direitos das mulheres e injustiça dos homens", Nísia tinha apenas 22 anos, mas rodeada por preconceitos, assim como a grande maioria das mulheres brasileiras, sem qualquer direito que não fosse o de ceder sempre à vontade masculina. Esta obra foi, inclusive, o primeiro de que se tem notícia no



"Cintilações de uma alma brasileira", livro de Nísia Floresta com edição bilíngüe, publicado no Brasil, em 1997, com apresentação e biografia de Constância Lima Duarte

BIBLIOGRAFIA

- Direitos das mulheres e injustiça dos homens. Recife: Typographia Fidedigma, 1832.
- Direitos das mulheres e injustiça dos homens. 2 ed. Porto Alegre: Reimpresso na Typographia de V. F. de Andrade, 1833.
- Direitos das mulheres e injustiça dos homens. 3 ed. Rio de Janeiro: 1839.
- Conselhos à minha filha. Rio de Janeiro: Typographia de J. S. Cabral, 1842.
- Conselhos à minha filha, com 40 Pensamentos em versos. 2 ed. Rio de Janeiro: Typographia de F. de Paula Brito, 1845.
- Fany ou o Modelo das donzelas. Rio de Janeiro: Colégio Augusto, 1847.
- Daciz ou a jovem completa. Historieta oferecida a suas educandas. Rio de Janeiro: Typographia de F. de Paula Brito, 1847.
- Discurso que às suas educandas dirigiu Nísia Floresta, em 18 de dezembro de 1847. Rio de Janeiro: Typographia Imparcial de F. de Paula Brito, 1847.
- A lágrima de um Caeté. Rio de Janeiro: Typographia de L.A. F. Menezes, 1849.
- A lágrima de um Caeté. 2 ed., Rio de Janeiro: Typographia de L.A. F. Menezes, 1849.
- Dedicação de uma amiga. (Romance histórico). 2 vol. Niterói: Typographia Fluminense de Lopes & Cia, 1850.
- Opúsculo humanitário. Rio de Janeiro: Typographia de M.A. da Silva Lima, 1853.
- Páginas de uma vida obscura; Um Passeio ao Aqueduto da Carioca; O pranto filial. Rio de Janeiro: Typ. de N.Lobo Vianna, 1854.
- Itineraire d'un voyage en Allemagne. Paris: Firmin Diderot Frères et Cie, 1857.
- Consigli a mia figlia. Firenze: Stamperia Sulle Logge del Grano, 1858.
- Consigli a mia figlia. 2.ed. Mandovi: 1859.
- Scintille d'un'anima brasiliana. Firenze: Tipografia Barbera, Bianchi & C. 1859.
- Conseils a ma fille. Traduit de l'Italien par B.D.B.. Florence: Impr. du Monnier, 1859.
- Le lagrime d'un Caeté. Tradotto da Ettore Marcucci. Firenze: Le Monnier, 1860.
- Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce. 1o vol. Paris: Libraire E. Dentu, 1864.
- Woman. Translated from the italian, by Livia A. de Faria. London: Printed by G.Parker, Little St. Andrew Street, Upper. St. Martin's Lane, 1865.
- Parsis. Paris: [s/ed.], 1867.
- Le Brésil. Paris: Libraire André Sagnier, 1871.
- Trois ans en Italie, Suivis d'un voyage en Grèce. 2o vol., Paris: E. Dentu Libraire-Éditeur et Jeffes, Libraire A. Londres, 1871 (ou 1872).
- Fragments d'un ouvrage inédit: notes biographiques. Paris: A.Chérié, Editeur, 1878.
- Colaboração em Jornais
- "Passeio ao Aqueduto da Carioca", O Brasil Ilustrado, Rio de Janeiro, em 15\ 07\ 1855, pp. 68,69 e 70.

Brasil, e trata dos direitos das mulheres à instrução e ao trabalho, defendendo que as mulheres sejam consideradas como seres inteligentes e merecedoras de respeito pela sociedade.

A autora brasileira aponta os principais preconceitos existentes no Brasil contra seu sexo, identifica as causas desse preconceito, ao mesmo tempo em que desmistifica a idéia dominante da superioridade masculina. No ano seguinte, saiu uma segunda edição, quando Nísia morava em Porto Alegre e, em 1839, ainda uma terceira, no Rio de Janeiro.

Seu segundo livro veio a ser publicado em 1842, e foi dedicado à filha Lívia como presente de aniversário de 12 anos, sob o título de "Conselhos à Minha Filha", assinando F. Augusta Brasileira. O livro teve uma grande repercussão e foi a sua obra de mais edições e traduções. A segunda edição saiu em 1845, tendo sido acrescentada de quarenta pensamentos em versos. A primeira tradução foi para o idioma italiano da própria autora, em 1858. A publicação de "Consigli a mia Figlia" se dá em Florença, e os quarenta pensamentos em verso da edição brasileira aparecem agora em prosa. Um ano depois, sai uma segunda edição da versão italiana. No mesmo ano, o livro é publicado em francês, em Florença, sob título de "Conseils à ma Fille", dessa vez traduzido por Braye Debuysé.

E 1849, Nísia publica a primeira edição de "A Lágrima de um Caeté", no Rio de Janeiro, mas sob o pseudônimo de Telesilla, sendo traduzido para o idioma italiano, por Ettore Marcucci, em 1860, em Florença. Ao final do poema, quarenta e uma notas explicam o vocabulário e relacionam o poema de Nísia com Damte, Ariosto e a Bíblia.

Em 1850, já residindo em Paris, é publicado em Niterói o romance histórico "Dedicação de uma amiga", trazendo apenas as iniciais B.A. como assinatura. Segundo Constância, este livro deve ser considerado o primeiro romance escrito por um norte-rio-grandense, segundo historiadores.

Das muitas viagens que realizou pela Europa, resultaram alguns livros que, bem ao gosto da época, contêm suas impressões dos lugares que ia conhecendo. Só que Nísia Floresta não realiza simples relatos de viagem. Ela descreve com riqueza de detalhes as cidades, as igrejas, os museus, os parques, as bibliotecas e monumentos, detendo-se nos tipos humanos e comentando tudo que observava sempre com muita sensibilidade e erudição.

Em 1853, no Rio de Janeiro, um ano após ter retornado da Europa, publicou "Opúsculo Humanitário", uma coleção de artigos sobre emancipação feminina, que foi merecedor de uma apreciação favorável de Auguste Comte, pai do positivismo. Neste livro, a autora combate o preconceito e condena os erros seculares da formação educacional da mulher, não só no Brasil como em diversos países.

Em 30 de abril de 1855, em "O Brasil Ilustrado", há um poema assinado por B. Augusta, cujo título é "Um improviso - na manhã do 1º do corrente, ao distincto literato e grande poeta Antonio Feliciano de Castilho". Um ano depois, é publicado um livro de versos "Pensamentos".

"Itinerário de uma viagem à Alemanha", de 1857, e "Três anos na Itália, seguidos de uma Viagem à Grécia" (em dois volumes, de 1864 e 1872) são os títulos desses livros escritos e publicados em língua francesa. O primeiro, sob a forma de cartas dirigidas ao filho e aos irmãos, foi traduz ido do francês para o português, em 1982, por Francisco das Chagas, depois de mais de cem anos em língua estrangeira.

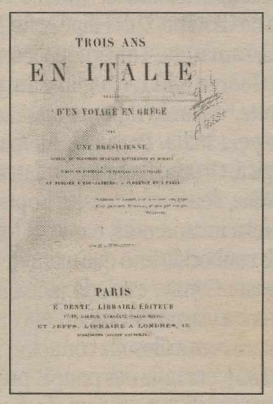
O segundo, apesar de considerado uma obra-prima, onde ela teria alcançado a culminância de seu esplendor intelectual, permaneceu inédito em língua francesa até pouco tempo, quando teve a sua primeira edição traduzida, também por Francisco das Chagas. O livro é interessante porque contém anotações do ano anterior à unificação italiana, a descrição da luta, dos sentimentos populares, do clima revolucionário e ainda nos revela a admiração da autora pelos líderes, Garibaldi e Azeglio, com quem se correspondeu durante algum tempo.

Um outro trabalho, dos mais importantes, é "Scintille d' un'anima brasiliana", publicado em Florença, na Itália, no ano de 1859. Este livro contém cinco ensaios que tratam da educação de jovens, da mulher européia, da pátria distante e das saudades que ela sentia de seu país, após tantos anos ausente. Um dos textos, intitulado "A Mulher", trata da mulher francesa de meados do século XIX, que a autora critica pelo comportamento superficial e mundano.

Em 1867, é publicado em Paris o romance "Parsis". Apesar de incluído entre os títulos da autora. Nesse ano, é publicada em Londres a tradução inglesa de um dos ensaios de Scintille: "La Donna". Trata-se de Woman, por F. Brasileira Augusta, traduzido do italiano por Livia A. de Faria, filha da escritora. Já em 1871, é publicado "Le Brésil", de Mme Brasileira Augusta, também traduzido por Livia Augusta Gade. O sobrenome Gade veio do alemão com quem se casou, tendo ficado viúva após quatro meses de casada.

Em 1878, três anos depois de ter passado uma temporada no Brasil e já de volta a Paris, publica seu último trabalho, "Fragments d'un ouvrage inédit: Notes biographiques", em Paris, assinando Mme Brasileira Augusta. Este livro, apesar de conter principalmente informações a respeito do irmão, Joaquim Pinto Brasil, traz também dados biográficos da autora, até então desconhecidos.

"Três anos na Itália seguidos de uma viagem à Grécia", livro de Nísia Floresta, com apresentação de Constância Lima Duarte. Editora da UFRN, 1999.



Publicação em francês da obra "Três anos na Itália, seguidos de uma viagem à Grécia", escrita em dois volumes(1864 e 1872

"História de Nísia Floresta", de Adauto da Câmara, em 1941. Foi a primeira biografia de Nísia Floresta, escrita no Rio Grande do Norte

"Itinerário de uma viagem à Alemanha, livro de Nísia Floresta com introdução de Constância Lima Duarte e tradução de Francisco das Chagas Pereira. Editora Mulheres e EDUNISC

- "Páginas de uma vida obscura", O Brasil Ilustrado, Rio de Janeiro, em 14\03, 31\01, 15\04, 30\04, 15\05, 31\05, 15\06 e 30\06 de 1855.
- "Um Improviso, na manhã de 1º do corrente, ao distincto literato e grande poeta Antonio Feliciano de Castilho", O Brasil Ilustrado, 30\04\1855, p. 157.
- "O pranto filial", O Brasil Ilustrado, em 31\03\1856, pp. 141 e 142.

Edições Póstumas

- Auguste Comte et Mme. Nísia Brasileira (Correspondance). Paris: Libraire Albert Blanchard, 1929.
- Fanny ou o modelo das donzelas. In OSÓRIO, Fernando. Mulheres Farroup has. Porto Alegre: Editora Globo, 1935.
- A lágrima de um Caeté. In Revista das Academias de Letras. Apresentação de Modesto de Ab . Rio de Janeiro: Janeiro de 1938.
- Itinerário de uma viagem à Alemanha. Trad. Francisco das Chagas Pereira. Natal: Editora Universitária, 1982.
- Opúsculo humanitário. Introdução e notas de Peggy Sharpe-Valadares. Posfácio de Constância Lima Duarte. São Paulo: Cortez Editora, 1989.
- Direitos das mulheres e injustiça dos homens. Apresentação, notas e posfácio de Constância Lima Duarte. São Paulo: Cortez Editora, 1989.
- A lágrima de um Caeté. Estudo e Notas de Constância Lima Duarte. Natal: Fundação José Augusto, 1997.
- Cintilações de uma alma brasileira. Edição bilíngüe Trad. Michelle Vartulli/ Zahidé Muzart e Suzana Funck. Apresentação e biografia de Constância Lima Duarte. Florianópolis: Editora Mulheres, EDUNISC, 1997.
- Itinerário de uma viagem à Alemanha. 2 ed. Trad. Francisco das Chagas Pereira. Estudo e notas biográficas de Constância Lima Duarte. Florianópolis: Editora Mulheres, EDUNISC, 1998.
- Três anos na Itália. Trad. Francisco das Chagas Pereira. Apresentação de Constância Lima Duarte. Prefácio de Franco M. Jasiello. Natal: Editora da UFRN, 1999.
- Fragmentos de uma obra inédita. Notas biográficas. Trad. Nathalie Bernardo da Câmara. Prólogo Maria Lúcia Garcia Palhares-Burke. Apresentação Constância Lima Duarte. Brasília: Editora UnB, 2001.

Outras publicações

- Cartas: Nísia Floresta & Auguste Comte. Trad. Miguel Lemos e Paula Berinson. Pesquisa, organização, notas e artigo introdutório de Constância Lima Duarte. Florianópolis: Editora Mulheres, EDUNISC, 2002.
- Nísia Floresta: a primeira feminista do Brasil. Estudo introdutório, notas biográficas, seleção dos textos de Constância Lima Duarte. Florianópolis: Editora Mulheres, EDUNISC, 2005.

Bibliografia organizada por Constância Lima

VIAGEM DURANTE 28 ANOS, NÍSIA PERMANECEU NA EUROPA, ONDE RELACIONOU-SE COM INTELECTUAIS

A vida na Europa

e a convivência com Auguste Comte

A escritora percorreu boa parte da Europa, acumulando experiências que serviram de base para outras publicações

Deixando para trás familiares, o Colégio Augusto, que havia fundado em 1838 e que já se destacava entre os melhores da Corte na instrução para meninas, além de um nome que começava a se tornar conhecido e vários livros publicados, Nísia Floresta parte do Brasil no dia 7 de setembro de 1849 com seus dois filhos, a bordo da galera francesa Ville de Paris. Exatos cinqüenta e dois dias depois, chega ao conturbado clima parisiense, ainda não de todo refeito das revoluções do ano anterior.

Ao todo, permaneceu vinte e oito anos de sua vida na Europa. Nessa época, no auge da maturidade intelectual, relacionou-se com grandes escritores, cientistas e aristocratas, como Alexandre Herculano, Antônio Feliciano de Castilho, Luis Filipe Leite, Mazzoni, Lamartine, Duvernoy, Victor Hugo, George Sand, Azeglio e Auguste Comte, viajando durante anos seguidos pela Itália, Portugal, Alemanha, Bélgica, Grécia, França e Inglaterra.

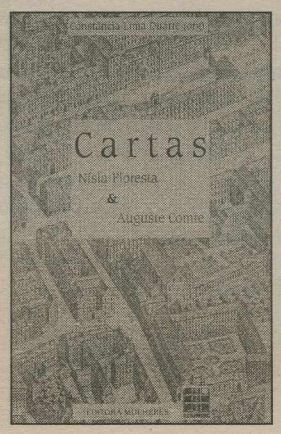
Mas, dentre todos estes importantes relacionamentos, o que se tornou mais conhecido foi o que manteve com Auguste Comte, iniciado ainda nesta primeira viagem. Primeiro, ela tomou contato com a filosofia comtiana, pois, em 1851, era uma das poucas pessoas interessadas que afluíam no Auditório do Palais Cardinal, para assistir às conferências do Curso de História Geral da Humanidade ministradas por Comte, na divulgação de suas teorias.

Em Portugal ela residiu durante seis meses do ano de 1851, quando teve oportunidade de viajar pelo país e fortalecer os laços de amizade com Alexandre Herculano e Antonio Feliciano de Castilho. No Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro, aliás, existe um exemplar de Opúsculo Humanitário dedicado a Herculano.

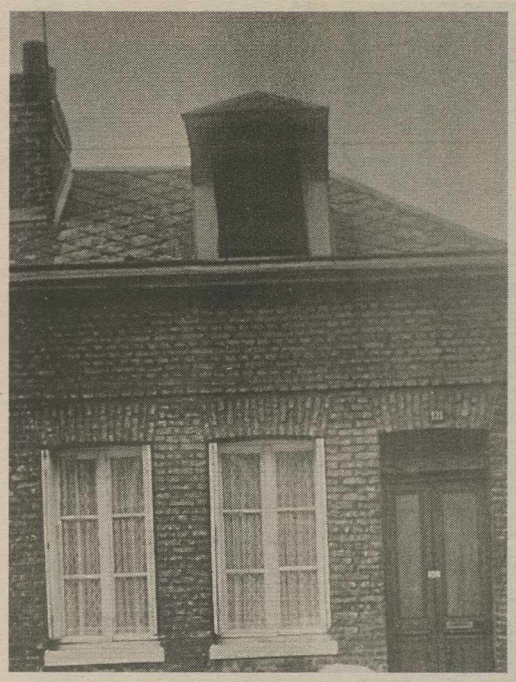
Em 27 de janeiro de 1852, retorna ao Brasil, onde permanece até 1856, quando segue para a segunda viagem à Europa no vapor francês "Cadix", em direção ao Havre, acompanhada apenas por Lívia. Nesse mesmo ano, Nísia se aproxima do filósofo e inicia uma amizade cordial e respeitosa, pontuada de visitas, cartas e mútua admiração, que vai durar até a morte de Comte, no ano seguinte. Na Duodécima Confissão Anual, de outubro desse ano, Comte anotou o primeiro contato com a brasileira:

"Em agosto, devo inicialmente registrar meu primeiro contato direto com a nobre viúva brasileira que me oferece, de coração, de espírito e de caráter, todos os indícios de uma preciosa discípula, se eu puder transformar um pouco seus hábitos metafísicos".

Um ano depois, em 5 de setembro de 1857, Auguste Comte morre, e, de acordo com informações passadas pela imprensa, poucos seguidores acom-



O livro "Cartas - Nísia Floresta & Auguste Comte", de Constância Lima Duarte, resgata a correspondência entre o filósofo e a escritora



A casa onde morou Nísia Floresta, em Rouen, na França

panharam o cortejo fúnebre ao Père Lachaise, mas, dentre as quatro mulheres que lá estavam, Nísia Floresta era uma delas, ao lado de Sophie Bliaux, a filha adotiva de Comte, a irmã mais velha de Sophie, Mme Laveyssière e Mme Maria Robinet.

No ano seguinte, Nísia decide realizar algumas viagens, visitando cidades como Roma, Nápoles, Florença, Veneza, Verona, Milão, Torino, Livorno, Pádua, Mântua, Pisa, Mombasilio e Mandovi. Em 1859, ela parte para a Grécia e visita Eleusis, Esparta, Atenas, Argos. Depois, viaja pela Sicília e conhece Palermo, Siracusa, Catânia, Messina.

Em 1860, ao completar 50 anos, Nísia Floresta instala-se em Florença. Nesta cidade tem oportunidade de acompanhar cursos de Botânica ministrados por Parlatore, antigo colaborador de Humboldt. Em Paris ela já havia assistido aulas desta matéria no Collège de France e no Musée d' Histoire Naturale. Em 1861, Nísia Floresta regressa a Paris e mais uma vez prepara-se para residir nesta cidade, após três anos ausente.

Porém, dez anos depois, pressionada pela família e desgostosa com os conflitos da Comuna em Paris, Nísia vende seus pertences e deixa definitivamente a cidade. Segue primeiro para Londres com a filha e depois para Lisboa, onde embarca, mais uma vez, para o Rio de Janeiro. Lívia não a acompanha e permanece na Europa.

Nísia permanece no Brasil no período de 1871 e 1875, retornando para o Velho Mundo. O primeiro destino é a Inglaterra, onde a filha a aguarda, e, após alguns meses, segue para Lisboa. Em 1878, Nísia transfere a residência para Rouen, cidade medieval do interior da França e, em seguida, para Bonsecours, na Grande Route, onde vem a falecer sete anos depois.

CORRESPONDÊNCIAS

Foram os positivistas os responsáveis pela preservação da correspondência trocada entre Nísia e Comte. Na Igreja da Humanidade - ou Apostolado Positivista do Brasil -, no Rio de Janeiro, encontram-se sete cartas que Comte dirigiu a Nísia Floresta. Elas foram traduzidas pelo positivista Miguel Lemos e publicadas em 1903 e republicadas 77 anos depois pelo jornal A República, de Natal. Elas foram, também, divulgadas em 1936 pela Igreja Positivista do Brasil, num folheto, sendo que em francês.

Diferentemente disso, as cartas da escritora Nísia Floresta permaneciam, até agora, absolutamente inéditas, ainda manuscritas, integrando o acervo da Maison d'Auguste Comte, em Paris. Pela primeira vez, essas correspondências dão origem a um livro, "Cartas - Nísia Floresta & Auguste Comte" (Editora Mulheres, 2002).

A autora, Constância Lima Duarte, reúne um conjunto de mensagens trocadas por Nísia e Comte e faz uma análise minuciosa, onde revela, principalmente, uma rara oportunidade de conhecê-los um pouco mais e de vislumbrar as particularidades da amizade que os unia, feita da admiração e respeito intelectual.

Segundo Constância, à medida que as cartas se tornam freqüentes, elas vão deixando transparecer uma valiosa dimensão confessional e também inúmeros pormenores, tanto biográficos como relacionados ao pensamento positivista. Os emissores vão se expondo com naturalidade, e as opiniões parecem surgir espontâneas, sem maiores cuidados intelectuais.

A pesquisadora ressalta no livro que o fato de os escritores irem se expondo faz com que sua correspondência se torne, também, um precioso documento da biografia de Auguste Comte. Muitas informações, segundo descreve, "podem iluminar aspectos obscuros ou pouco conhecidos da história intelectual e pessoal do escritor e, mesmo, da história de sua época".

Em sua pesquisa, Constância observou que, nos arquivos da Maison d'Auguste Comte, existem cartas de apenas duas mulheres dirigidas ao filósofo, precisamente de Nísia Floresta e de Clotilde de Vaux, sua mulher e grande musa inspiradora. Ela, inclusive, numa época em que se viu abandonada e sem recursos para saldar as dívidas de jogo do marido, defendeu a mudança da lei que instituía ser o casamento uma instituição indissolúvel. Além disso, Clotilde pregou inutilmente a introdução do divórcio na França.

Através desta correspondência de Nísia Floresta e Comte, como relata Constância, é possível saber, por exemplo, que, em 5 de abril de 1857, Nísia fez uma visita ao túmulo de Clotilde de Vaux e que lhe dedicou um texto emocionado e elogioso que muito comoveu o filósofo, conforme ele mesmo confessa em uma carta. A importância deste escrito pode ser avaliada quando se sabe que foi guardado separadamente, junto com os documentos mais íntimos e prezados por Comte.

Na penúltima carta de Comte, por exemplo, de 24 de agosto de 1857, a mais longa e em resposta a Nísia, Constância diz que existem várias referências à amizade que devotava à "nobre viúva brasileira", à doença que logo o vitimaria, assim como à sua descrença pelos médicos e pela medicina. Nela, Comte rebate enfaticamente os conselhos de Nísia Floresta para que procurasse médicos. O filósofo interpreta 'primeiros médicos' como 'os mais ricos', e, portanto, indignos de sua confiança. Poucos dias depois, em 5 de setembro, Comte morre, resultado de uma gripe mal curada, após muita agonia, conforme relatos de amigos que o assistiam. Confira alguns trechos da carta de Nísia a Auguste, e, logo em seguida, a resposta de Comte, que costumava datar suas mensagens baseando-se no calendário positivista:

Paris, 22 de agosto de 1857
[Recebido no domingo, 11 de Gutemberg de 69]

Senhor,

Desde há um mês, todos os corações que o amam e que depositaram no senhor todas as suas esperanças vindouras sofrem profundamente com o estado em que o senhor se depaupera, sem querer recorrer à ciência dos primeiros médicos, submetendo-se a uma consulta. Permita que em nome desses corações que lhe estão sinceramente ligados, em nome da humanidade de que o senhor é o ministro e o mais zeloso servidor, minha fraca voz se eleve junto a seu leito para suplicar-lhe que recorra à arte enquanto ainda é tempo. (...)

Veneração e simpatia profundas.
Brasileira

Paris, segunda-feira, 12 de Gutemberg de 69
[24 de agosto de 1857]

Minha Senhora,

Em resposta à sua carta, muito afetuosa, porém pouco judiciosa, posso limitar-me a desenvolver a minha profunda convicção de que, se me tivesse infelizmente submetido às precipitações vãs emanadas da ciência falaz das notabilidades médicas, estaria atualmente morto. Sr. Audiffrent, que veio generosamente de Marselha para certificar-se sobre o meu estado, admitiu por completo esta opinião; (...) Os doutores Robinet e Foley, fortuitamente reunidos sexta-feira em minha casa, confirmaram o acerto das minhas previsões sobre o resultado natural e próximo de cada um dos dois tumores nos quais residem os únicos resquícios importunos da moléstia. (...) no final de contas, por mais assustados que os outros estejam, não conseguirão jamais assustar-me num caso em que, melhor que ninguém, sinto que somente olhos vulgares puderam prever a minha morte. A sua invocação de uma vítima Angélica em apoio de um conselho perigoso, é tanto mais cega, quanto a minha Beatriz sucumbiu, não pela moléstia, porém pelos seus dois médicos: é certo que eles não figuravam entre as notabilidades, isto é, os mais ricos, que são precisamente os que mais desprezo, intelectual e moralmente. (...)

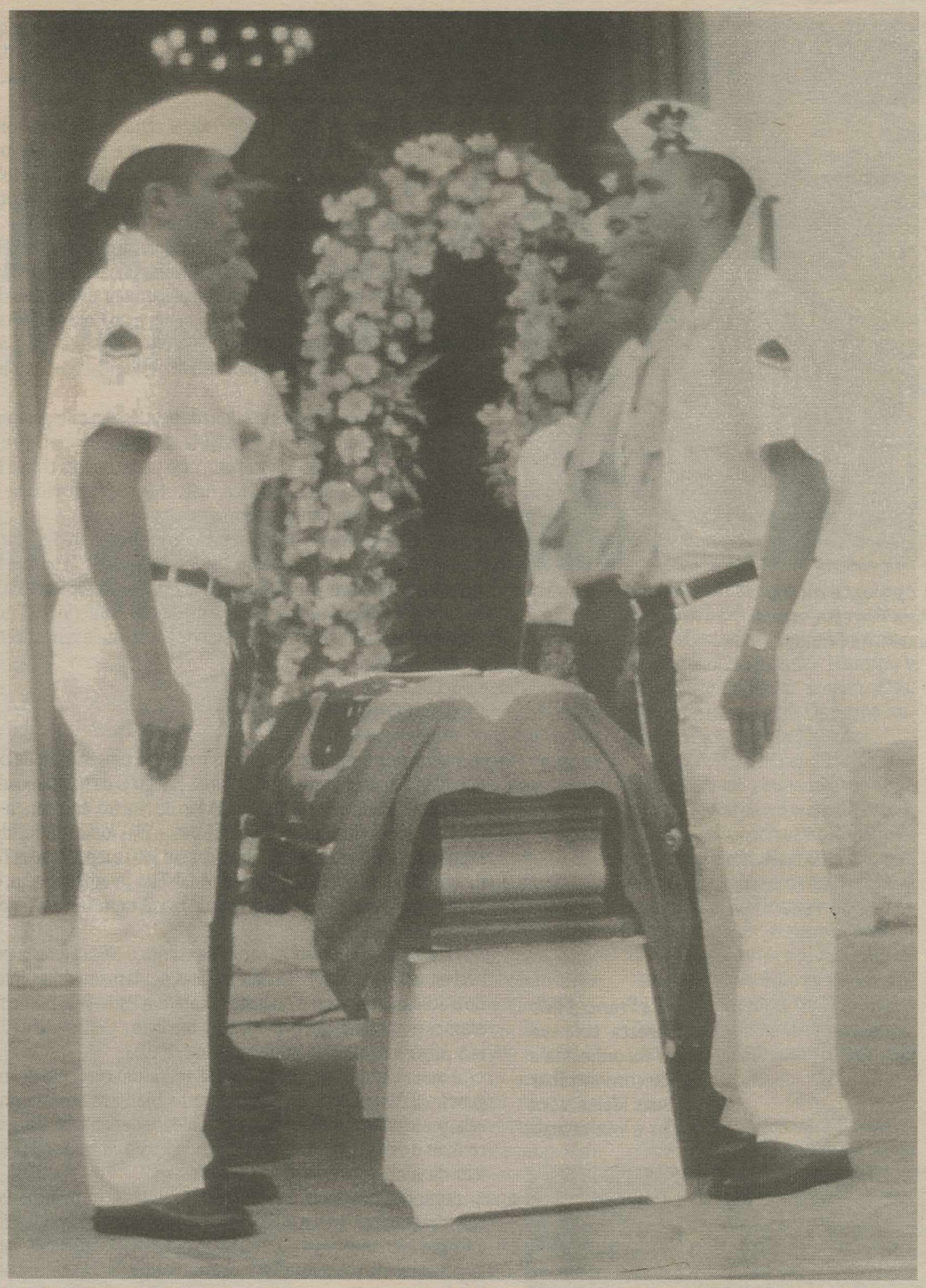
Respeito e simpatia
Auguste Comte

Filósofo Auguste Comte, o pai do positivismo

Na França, Nísia Floresta teve sua obra reconhecida e pôde compartilhar suas idéias com filósofos e intelectuais

RECONHECIMENTO APÓS 69 ANOS DE SUA MORTE, NÍSIA FLORESTA RECEBE AS HOMENAGENS DO SEU POVO

Restos mortais chegam ao Rio Grande do Norte

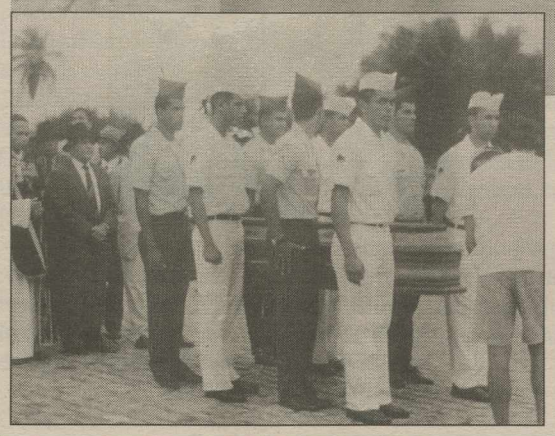


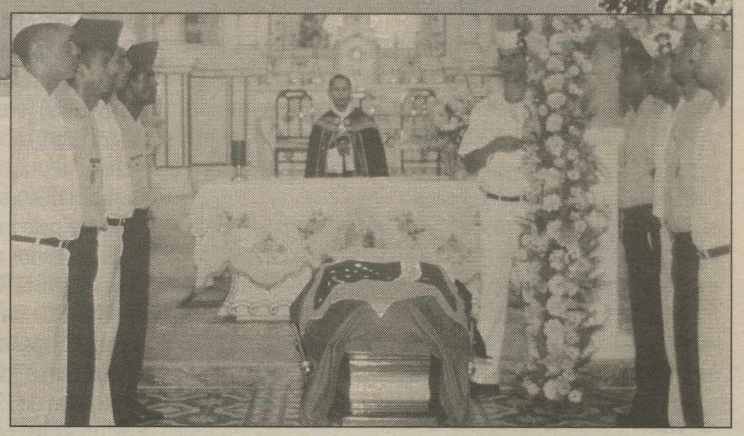
Após voltar à Europa em 1875, Nísia Floresta só retornaria ao Brasil em 1954, quando seus restos mortais foram trasladados de Bonsecours, região portuária da França, onde morreu, até sua terra natal. A forma como foi enterrada, embalsamada com produtos químicos, preservou as características fisionômicas da escritora por mais de meio século após sua morte. Outra causa favorável foi o clima gelado da cidade, com apenas dois meses de verão, que contribuiu para o estado de mumificação do corpo.

Pesquisadores acreditam, amparados na forma como foi enterrada, na hipótese de que Nísia Floresta desejava ser trazida de volta ao Brasil logo após sua morte. Mas os restos mortais de Nísia só voltariam 69 anos depois. E isso foi graças ao jornalista Orlando Ribeiro Dantas, fundador do Diário de Notícias do Rio de Janeiro, quando, em 1950, vai à França tentar encontrar o túmulo de Nísia. Após semanas de investigação, o jornalista finalmente descobre seu túmulo.

Quando o potiguar João Café Filho assume a presidência da República, atende aos apelos de órgãos e pessoas como o próprio Orlando Ribeiro, além de Marciano Freire e o escritor e educador Henrique Castriciano, para transportar os despojos da escritora ao Brasil. E somente três anos depois fica autorizada a trasladação de seus restos mortais para o Brasil, através da lei nº 1892, de 23 de junho de 1953.

No ano seguinte, em 1954, Marciano Freire vai a Bonsecours acompanhar o traslado dos despojos da escritora que saem de Marselha pelo navio "Loide-Brasil" em 9 de agosto, e chegam finalmente no dia 5 de setembro em Recife. Os restos mortais de Nísia Floresta foram recepcionados por uma grande multidão em sua terra natal, em 11 de setembro de 1954, e, nesse mesmo dia, os jornais de São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco e Rio Grande do Norte registram a chegada dos despojos da escritora em Natal. Há homenagens da Base Naval, bandas de música e exposição do caixão perante a população e autoridades locais. O Departamento dos Correios e Telégrafos lança um





Grande cortejo de carros, acompanhado de estudantes, autoridades civis e militares, além da apresentação de uma banda de música e celebração de missa marcaram a chegada dos despojos de Nísia, que ainda recebeu homenagens da Base Naval e dos Correios e Telégrafos com a criação de selo comemorativo

selo comemorativo do retorno de Nísia Floresta ao Brasil.

O professor Jorge Carvalho, então com cinco anos na época, lembra que aviões cobriam os céus a jogar folhetos, escritos pelo folclorista e historiador Câmara Cascudo com a foto da escritora e sua biografia no verso. Um cortejo grande de carros acompanhou a chegada do caixão. Alunos de diversas escolas públicas e privadas, inclusive da escola doméstica estavam presentes. O prefeito de Nísia Floresta, José Ramires, fez o pré-discurso, sob olhares de populares e autoridades políticas do Estado. Militares da Marinha e Aeronáutica levaram o ataúde até a igreja matriz de Nossa Senhora do Ó.

O historiador Adauto da Câmara, autor do primeiro livro sobre Nísia Floresta, escrito em 1941, relata que o caixão com os restos mortais da escritora foi aberto na Academia Pernambucana de Letras, onde foi constatada a conservação das expressões fisionômicas do corpo. De Pernambuco, o caixão foi levado à Nísia Floresta, litoral agreste do Rio Grande do Norte, a 43km de Natal, onde nasceu a escritora.

O nome da cidade, antes chamada Vila de Papary, foi modificado em 23 de dezembro de 1948, para homenagear sua grande representante.

O ataúde onde foi depositado os despojos de Nísia Floresta era feito de zinco, com um outro caixão de ébano o envolvendo. O tamanho do ataúde surpreendeu as autoridades locais, que esperavam um caixote a ser colocado no túmulo que já existia na cidade, em forma de pirâmide, construído como marco religioso, em 1909, para homenagear o centenário da escritora. O ataúde era grande para o tamanho do túmulo, que precisou ser quebrado. As autoridades requereram verba para construção de um mausoléu digno da representatividade e importância de Nísia Floresta. Mas foi em vão.

O ataúde com os restos mortais de Nísia Floresta permanece na igreja matriz durante meses, até o dia em que o novo mausoléu foi construído, ainda no sítio Floresta, onde Nísia morou.

Panfleto distribuído por ocasião da chegada dos restos mortais de Nísia, em 1954

RESGATE HENRIQUE CASTRICIANO FOI O PRIMEIRO A VALORIZAR A OBRA DE NÍSIA FLORESTA

O primeiro reconhecimento no RN

O escritor Henrique Castriciano viajou à Europa para pesquisar a vida e a obra de Nísia Floresta, por quem tinha grande admiração

Escritor Hélio Galvão foi ocupante da cadeira de nº 02 e grande conhecedor da vida de Henrique Castriciano e Nísia

Elegendo Nísia Floresta para sua madrinha na poltrona de nº 2, fundada por ele na Academia Norte-rio-grandense de Letras(ANL), Henrique Castriciano prestou importante homenagem à escritora conterrânea. No dizer de Hélio Galvão, em discurso realizado na Academia Norte-rio-grandense de Letras, em maio de 1970, ele não fez essa homenagem em forma de livro porque papel as traças poderiam destruir ou o vento poderia levar. Mas fez em granito e bronze, em forma mais duradoura e eloqüente. "Quem foi, senão ele, o inspirador das grandes homenagens prestadas a Nísia em 1909? Que maior e mais formoso e mais durável elogio não constituem os dois monumentos erigidos em honra da escritora no sítio do seu nascimento e nesta capital?", argumentava Hélio Galvão ao se referir aos monumentos na cidade de Nísia Floresta e o monumento de granito com medalhão, erguido por Henrique Castriciano, na Praça Augusto Severo, na Ribeira, em Natal.

Henrique Castriciano nutria grande admiração por Nísia Floresta. Foi a primeira personalidade do estado a se preocupar em preservar a memória da escritora. Seu carinho pela memória de Nísia chegou a extremos. Pesquisou endereços, revirou livrarias, correspondeu-se com Lívia Augusta, filha de Nísia, adquiriu fotografias, comprou livros, tomou apontamentos e, por ocasião do centenário de nascimento da escritora, visitou em Rouen o túmulo onde repousavam os restos mortais. O resultado das investigações de Castriciano é que Nísia ficou conhecida e ele tornou acessíveis os seus livros. E, além dos monumentos, deu o nome de Nísia à cadeira nº 2 que fundou na Academia Norte-rio-grandense de Letras.

H. Castriciano, como costumava assinar, nasceu em 15 de março de 1874, em Macaíba. O irmão Irineu Leão morreu queimado numa explosão de um candieiro de querosene, em 1887. Também tinha mais dois irmãos, um mais velho, Eloy Castriciano de Souza, senador (1873-1959), e um mais novo, João Câncio (1877-1933). Henrique Castriciano, bacharel em Direito, muito viajado, e possuidor de uma grande cultura, chegou a ser vice-governador do Estado. Foi "jornalista, escritor, crítico, impões-se aos seus contemporâneos pelo talento, pela cultura e pela inspiração poética".

Em meados de 1909 viaja para a Europa. Queria descobrir a vida e obra de Nísia Floresta, além de colher informações para implantação em Natal de uma escola doméstica. Viajou através da Suíça, Itália, Portugal, Espanha, França, Grécia, Egito e Palestina. E em uma segunda viagem, em 27 de agosto de 1913, visitou a Bélgica e a Alemanha. Em 26 de julho de 1947, às 7h da manhã, H. Castriciano morre. A Liga de Ensino, o Escotismo no RN para educação masculina, a Escola Doméstica de Natal (01-09-1914) para a educação feminina, a Academia de Letras do RN, de onde foi o primeiro presidente, foram suas grandes realizações.

ANOTAÇÕES DE UMA VIAGEM À EUROPA

"Onde estarão as notas que ele (Henrique Castriciano) coligiu sobre sua patrona? As cartas da filha da escritora, quem as guardara? Os livros, raros e caros, onde foram parar? Por que o desvelo do escritor pela escritora não lhe permitiu doar à Academia tudo o que possuísse a seu respeito? Por que Castriciano não escreveu uma biografia, conforme se anunciou ou se esperou?" Alguns desses questionamentos feitos por Hélio Galvão ainda não têm resposta, mas a reportagem do DN EDUCAÇÃO conseguiu localizar uma verdadeira raridade, o caderno de anotações de Henrique Castriciano, escrito com seu próprio punho, durante sua viagem à Europa para estudar a vida e a obra de Nísia Floresta, com data de 1909.

O caderno ainda continua em bom estado e está sob a guarda de uma de suas maiores admiradoras, a educadora Noilde Ramalho, diretora da Escola Doméstica de Natal, que nunca havia aberto, nem lido sequer um parágrafo. Os escritos inéditos de Henrique Castriciano estão já há muitos anos com a professora Noilde. Eles foram doados por Clóris Cardoso, ex-aluna da ED e enteada do senador Elóy de Souza, irmão de Henrique Castriciano. O caderno está entre as relíquias do Espaço Cultural Nísia Floresta, uma homenagem prestada pela Escola Doméstica àquela que foi uma verdadeira musa inspiradora para a visão de educador de Henrique Castriciano, que alguns anos após essa viagem, fundou a Escola Doméstica de Natal. Os escritos de Castriciano foram feitos durante sua viagem à Europa, em suas visitas à Biblioteca Nacional de Paris e a todos os locais que serviam de referência à sua pesquisa. Muitas páginas estão inteiramente dedicadas a Nísia Floresta e seus parentes, em letra muito pequena, ora em português, ora em francês. O caderno de anotações pode ainda revelar muitos episódios da viagem de HC e particularidades da vida de Nísia Floresta, mas para isso precisa ser examinado por especialistas.

"O dr. Henrique Castriciano foi um grande conhecedor da vida de Nisia Floresta. A ele devemos valiosas informações que, generosamente, nos ministrou. Podemos assegurar que o Brasil não esqueceu Nisia Floresta por obra e graça de Henrique, que tão fervorosamente tem cultuado a memória, procurando tornar conhecidos, por toda a parte, os seus talentos... Ele esteve em contato com pessoas que conheceram Nisia; travou relações com sobrinhas residentes no Rio; correspondeu-se com a filha de Nísia; pesquisou, pessoalmente, na Europa, sobre esta grande vida. Ninguém melhor que ele para tratar a biografia definitiva de Nisia Floresta: e o órgão mais autorizado, o estudioso mais bem informado, a última instancia neste assunto. Rio de Janeiro, março de 1941.

Adauto Miranda Raposo da Câmara
(autor do primeiro livro biográfico sobre Nísia Floresta)

A professora Noilde Ramalho revela ao repórter Francisco Francerle os escritos inéditos do caderno de anotações da viagem de Henrique Castriciano à Europa, em 1909, em busca de informações sobre Nísia Floresta.

HINO EM HOMENAGEM A ESCRITORA NÍSIA FLORESTA

(Autor desconhecido)

I

SALVE OH! FILHA IMORTAL DESTA TERRA
TERRA ARDENTE DE RÍSPIDO SOL
QUE SOMENTE EM BELEZA ENCERRA
MÃE FECUNDA DE BRAVOS HERÓIS

REFRÃO

SURGE, RESURGE, BRILHA
OH! NÍSIA, SUBLIMADA
OH! SEMPRE TERNA
FILHA DA TERRA BEM AMADA
DA TERRA BEM AMADA

II

TU QUE ÀS PLAGAS ESTRANHAS LEVASTE
O TEU NOME, O TEU NOME ETERNAL
O TEU NOME OBSCURO ENCERRASTE
NO ESPLENDOR DE UMA GLÓRIA IMORTAL

III

ESSA GLÓRIA É TUA ESSA GLÓRIA
OS VINDOUROS MELHOR GUARDARÃO
HOJE EMERGE NO FUNDO DA HISTÓRIA
SOBRE AUREOLA DE EXCELSO CLARÃO

As homenagens no Brasil

Segundo a pesquisadora e jornalista Nathalie Câmara, a primeira das homenagens a Nísia Floresta que se tem notícia foi a publicação, pelo Centro do Apostolado do Brasil, em 1888, de Sept Lettres Inédits d'Auguste Comte a Mme Nízia Brazileira - é notória a amizade entre Nísia Floresta e o filósofo francês, que, falecido em 1857, não realizou o seu desejo de confiar a norte-rio-grandense um salão positivista em Paris. Já no Monumento de Benjamin Constant, na Praça da República, no Rio de Janeiro, foi incluído um busto de Nísia Floresta entre os demais abolicionistas, como José Bonifácio e Castro Alves.

Enquanto isso, na Galeria de Honra do Instituto Joaquim Nabuco, em Recife, pode ser encontrado um retrato da escritora, feito por Balthasar da Câmara, introduzindo-a no seleto "clube" freqüentado apenas por figuras masculinas, entre as quais Duque de Caxias, José de Alencar e Santos Dumont.

O MEDALHÃO NA RIBEIRA

O medalhão foi feito em Paris contendo a esfígie de Nísia, aposto a uma stella de granito, com ilustrações de bronze e as datas de seu nascimento e morte, inaugurado em 1910, na Praça Augusto Severo, em Natal. Um trecho da conferência de Hélio Galvão - que ocupava a cadeira que foi de Henrique Castriciano, cujo patrono era Nísia Floresta - realizada na Academia Norte-rio-grandense de Letras, em 15 março de 1951, em homenagem à memória de Henrique Castriciano diz o seguinte::

"Recebi do Sr. Dr. Henrique Castriciano quinhentos francos para completar o pagamento do monumento em execução que vai ser erigido na cidade do Natal em memória da mãe de Mme. Gade, nisto não entra o custo do medalhão de bronze que fica a meu cargo". Paris, 3 de agosto de 1910 (a) Bernardo Alves Pinheiro.

A lápis, Castriciano acrescentou a seguinte nota:

"O Snr. Bernardo Pinheiro refere-se à herma inaugurada em 1910 na praça " Augusto Severo" desta cidade. Foi orador, a meu pedido, Geraldo Lima.
H. Castriciano -Natal".

Numa carta de 23 de fevereiro de 1912, o Sr. Bernardo Pinheiro indagava:
"Eu já devia ter-lhe escrito há mais tempo, mas esperava receber suas novas e apreciadas notícias a respeito da inauguração do monumento "Nísia Floresta" e os jornais da ocasião falando a respeito para eu mandar a Mme. Gade (Lívia Augusto) que já me tem escrito várias vezes perguntando se V. Excia. conforme dizia em sua carta, já me havia mandado notícias a respeito da inauguração do referido Monumento".

Contudo, este medalhão foi roubado e nunca mais houve prefeito nenhum que o fizesse voltar ao lugar. Já o lugar que ela nasceu deixou de se chamar Papary para se chamar Nísia Floresta em sua homenagem (decreto-lei de 23 de dezembro de 1948), e onde, inclusive, foi construído um mausoléu para receber exclusivamente os seus restos mortais, quando do traslado destes da França para o Brasil, em 1954. Na oportunidade, foi lançado um panfleto comemorativo pelos Correios do Brasil, no qual foi cunhado o seu retrato e impresso um texto do folclorista Luís da Câmara Cascudo, enaltecendo a sua conterrânea. Desde 1990, a Prefeitura Municipal de Natal, através do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher e Medalha do Mérito Nísia Floresta às mulheres que contribuíram para o desenvolvimento do RN.

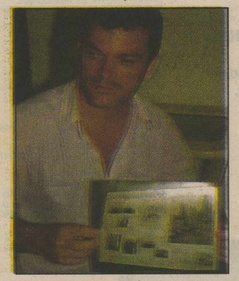
Nísia Floresta, nome de escolas e ruas, sejam de Natal, Recife, Porto Alegre e Rio de Janeiro, além de ser patrona em diversas academias literárias do país: Rio Grande do Sul, Ceará, Rio Grande do Norte e Rio de Janeiro. Sempre à frente do seu tempo, continua sendo, sob o majestoso pseudônimo que a consagrou, uma das mais fascinantes mulheres já nascidas em solo brasileiro.

O medalhão com a esfígie de Nísia, a primeira homenagem em solo potiguar

A Escola Nísia Floresta é o único prédio público que faz menção à escritora em sua cidade natal

LEGADO A DESINFORMAÇÃO AINDA É A PRINCIPAL CAUSA DO PRECONCEITO NA PRÓPRIA CIDADE

Nísia Floresta ainda é vista com preconceito



Professor Luís Carlos é um dos poucos incentivadores à preservação da memória da escritora no município

Sérgio Villar
Especial para o **DN Educação**

Os 20 mil habitantes de Nísia Floresta, cidade onde nasceu e leva o nome da revolucionária da educação brasileira, pouco sabem sobre a história verdadeira e documental da escritora Nísia Floresta. Algumas lendas contadas a seu respeito já duram décadas e continuam a ser perpetuadas. São estórias que deturpam a imagem e a obra de Nísia, fruto do machismo e da cultura da época. Era uma "figura invulgar para o mundo em que viveu, forte sensível, enérgica, heróica na defesa e divulgação de suas idéias, nenhum outro nome se pode comparar com a sua atividade mental e acompanhar-lhe o traço impressionante de sua mentalidade nova, generosa, idealista", como escreveu Luís da Câmara Cascudo em A República, em 5 de junho de 1977.

O professor e pesquisador da obra de Nísia Floresta, Luís Carlos Freire realiza um trabalho de resgate da pessoa de Nísia há 14 anos. Segundo ele, a escritora ainda é vista, em sua terra natal, como prostituta ou mulher de vida degenerada. Nunca é mencionada como educadora, reformadora da educação, abolicionista, indianista que procurou demarcar as terras dos índios, republicana, conferencista, fundadora de colégios e exímia escritora de livros e artigos reconhecidos no mundo.

Sul-matogrossense, o professor foi convidado a dar aulas em Nísia Floresta, em 1992. Ele já conhecia o livro raro de Adauto da Câmara, sobre a escritora e quis aprofundar mais a pesquisa. Luís Carlos afirma que nada, ou quase nada encontrou na cidade que pudesse enriquecer seus estudos, tamanha a falta de memória da população e seus governantes para com seu nome maior. Todo o legado educacional e cultural de Nísia Floresta, o professor colheu através da obra da escritora ou de pesquisas constantes por onde Nísia passou, como as cidades de Olinda e Goiana, em Pernambuco, e Porto Alegre, ou em bibliotecas em diferentes regiões brasileiras.

"Percebi a genialidade de uma figura que a própria cidade onde nasceu e leva seu nome, ainda desconhece", lamenta o professor. Ele reconhece que o trabalho de resgate da memória perdida da cidade em relação à Nísia Floresta teve início em 1989, quando um movimento organizado pelo Conselho Estadual da Mulher, em parceria com a prefeitura do Natal e o Núcleo de Estudos e Pesquisas de Assuntos da Mulher, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) se mobilizou em um grande movimento pró-memória e contribuiu para pesquisas sobre a escritora.

Um dos beneficiados com o movimento foi o próprio professor Luís Carlos. Ele passou a contatar os mentores do movimento para orientar suas pesquisas e conseguir material. "A partir daí iniciei uma odisséia", comenta. Todos os estudos e material adquirido foi sendo documentado pelo professor. Trabalhos começaram a ser escritos por ele. Aos poucos, foram sendo organizados seminários, simpósios, palestras, não só em Nísia Floresta, mas principalmente fora do Brasil, onde Luís Carlos encontrava condições favoráveis para a idéia. Luís Carlos participou de vários encontros da Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência (SBPC), onde pôde comentar e mostrar o legado da escritora Nísia Floresta.

As palestras sobre Nísia Floresta, o professor nunca deixou de ministrar no município homônimo. E foi mais além. Ainda em 1992, Luís Carlos encenou sua primeira peça de teatro. Em uma única tomada, a peça mostrou a chegada dos restos mortais de Nísia no município. Para confeccionar o figurino, o professor consultou um livro sobre a história do vestuário no Brasil, e tomou como base as fotos das vestes usadas por Nísia. Tudo com apoio da UFRN. "Ainda existe preconceito contra Nísia. A prova é o repúdio a pessoas como eu que tentam resgatar sua memória", lamenta Luís Carlos.

E um exemplo prático da prova do "repúdio" ou da falta de incentivo a iniciativas em prol do resgate positivo da memória de Nísia Floresta, foi a descoberta de um hino à escritora. Uma professora, chamada Edite Carneiro Torres ensinava o hino aos seus alunos, numa das escolas do município. Não se sabe ainda a autoria do texto. Pela linguagem rebuscada, o professor acredita que o hino seja centenário. "Descobri esse hino e vi que pessoas conheciam a melodia. Talvez seja a única lembrança que guardo de ouvirem falar de Nísia por aqui. Quis aproveitar isso e apresentei aos prefeitos para gravar essa melodia e distribuir nas escolas. Mas não adiantou; nunca adiantou".

A secretária de Educação, Cultura e Desportos de Nísia Floresta, Ana Maria de Carvalho Varela, afirmou que os recursos do município são poucos e a prioridade são as restaurações das escolas e a qualidade de ensino. "Não há projetos nem verba para construção de memorial. O que fazemos é um evento para lembrar o nascimento de Nísia Floresta, em 12 de outubro", disse a secretária. Das 27 escolas do município, sendo 15 municipais, apenas a Escola Estadual Nísia Floresta, a mais antiga do município, leva o nome da escritora. A diretora da escola, Cidéria Silva Tavares, ressalta que durante a semana da cultura são realizadas pesquisas sobre Nísia Floresta. Ainda assim, a biblioteca da escola não possui um livro sequer da escritora.

A própria biblioteca pública de Nísia Floresta, localizada no conjunto Clóvis Carvalho e que tem o nome de Duque de Caxias, guarda apenas um exemplar da obra de Nísia Floresta (Opúsculo Humanitário) entre a coleção de seis mil livros. As administradoras justificam que o livro não é procurado pelos alunos que visitam a biblioteca.

LEMBRANÇAS DE NÍSIA FLORESTA SÃO POUCAS

O município de Nísia Floresta guarda poucas lembranças de sua filha mais ilustre: a menina Dionísia Pinto Lisboa, que perambulou por aquelas terras verdes, de lagoas e milharais no início do século 19, até seus 14 anos de idade. Além do túmulo, construído em 1909, apenas um lavabo, ainda localizado na sacristia da igreja matriz de Nossa Senhora do Ó, construído pelo pai de Nísia, advogado e escultor Dionísio Gonçalves Pinto Lisboa. Na imagem, a figura de um índio segurando a peça. Também na igreja, à esquerda da entrada, no batistério, a pia onde Nísia Floresta foi batizada, feita de pedra sabão. Só.

Objetos pessoais ou mesmo descendência familiar não existem. Nísia Floresta teve dois filhos (Lívia Augusta de Faria Rocha e Augusto Américo de Faria Rocha), e nenhum neto. Vista com preconceito na época, longe do reconhecimento merecido de hoje, nada do que possuiu foi guardado ou preservado. O túmulo, localizado no sítio Floresta, onde nasceu a escritora, tem formato imponente. Está cercado por um pequeno milharal e casas simples. Está mal cuidado. A calçada em volta tem racharduras.

Muitos florestenses sequer sabem o nome do sítio ou da rua onde está próximo o mausoléu. Uma placa indica que ali é o túmulo de Nísia Floresta. É inútil. Afora a data comemorativa de seu nascimento, em 12 de outubro, o túmulo fica esquecido. Nem mesmo as grades de ferro que rodeavam o túmulo, retiradas a pedido da Fundação José Augusto no final da década de 80 facilitou as visitas ou chamou atenção dos curiosos.

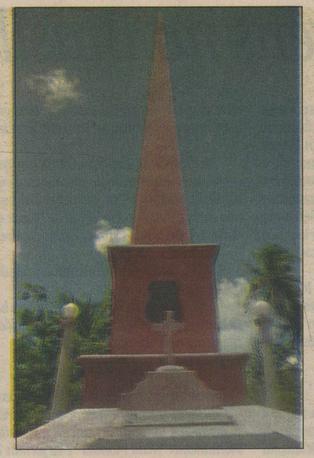
O que poderia funcionar como um memorial para Nísia Floresta é hoje um belo restaurante, dos mais freqüentados do município. Ele fica na antiga estação da cidade, construída pelos ingleses em 1881. A antiga Estação de Papari divide os municípios de Nísia Floresta e São José de Mipibu. E preserva muito de sua arquitetura original, de estilo neoclássico. Elementos clássicos como frontão, arcos de envassaduras em estilo gótico e detalhes que lembram castelos medievais ainda podem ser vistos.

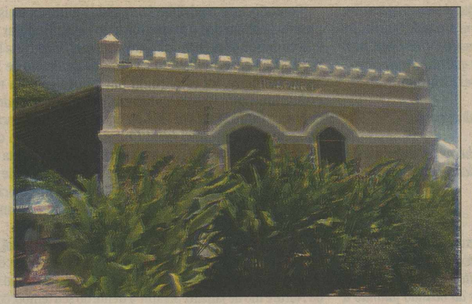
O prédio foi tombado pelo patrimônio histórico estadual, em 6 de dezembro de 1984. Ainda assim encontrava-se abandonado quando a empresária Graça Bezerril comprou o local, restaurou e instalou seu restaurante, já com 9 anos. Com a reestruturação muita coisa foi modificada. A estrutura e a pintura permanecem. A bilheteria é original. E em frente é feita uma exposição de imagens de utensílios de vaqueiro. Guarda-peito, gibão, perneira, chapéu de couro, ferramentas de couro com bancada, paisagens do Seridó, estribos de couro. A exposição é desde 2000.

O restaurante recebe turistas os mais variados. No verso do cardápio, a história do município e da escritora Nísia Floresta. Também movimenta a economia de Nísia Floresta e fomenta o turismo na região, com ofertas para o caminho das águas, com percursos por lagoas e praias do município, como tabatinga e pirangi. Além do mérito de restaurar um local que se encontrava abandonado. Mas o prédio da Estação está ou foi previsto para abrigar o museu da cidade, onde figuraria o acervo sobre Nísia Floresta.

Em agosto de 2001, a jornalista Ana Angélica Timbó, então presidente da Fundação Teodora Oliveira, elaborou Projeto de Lei solicitando a criação de um museu para Nísia Floresta. O Projeto foi entregue em mãos ao ministro da Cultura Francisco Welfort, quando ele esteve em Natal naquela data para participar do Encontro Regional dos Institutos Históricos e Geográficos. É que ela, ao chegar em Nísia Floresta, foi informada da existência de um museu, onde constatou abrigar um restaurante. O museu nunca chegou a existir, mas foi aprovado pelos vereadores na gestão do ex-prefeito George Nei Ferreira. Segundo a jornalista, o Projeto foi aprovado pelo Minc, mas os recursos enviados à nova gestão tiveram outra destinação.

O imponente mausoléu, erguido em homenagem a Nísia quase não recebe visitação, é esquecido no meio de um milharal no sítio onde ela nasceu





O prédio da Estação de Papary, um dos mais antigos da cidade, que deveria abrir um museu de Nísia Floresta, funciona um restaurante. É parada obrigatória para turistas em busca do litoral.

Vista parcial da cidade de Nísia Floresta, situada a 35 km da capital do RN

Professor Luis Carlos mostra o figurino da peça teatral que dirigiu sobre a chegada dos restos mortais da escritora

O batistério e a Pia batismal, feita de pedra sabão, onde Nísia foi batizada

O figurino da peça teatral teve como base as vestimentas de Nísia

O professor e vereador Jorge Carvalho mostrando o lavatório esculpido pelo pai da escritora, Sr. Dionísio Gonçalves

A foto foi encontrada em uma lixeira e transformada em quadro por uma diretora da Escola Est. Nísia Floresta. O estado da foto não é bom, mas é o único prédio que possui imagem dela na cidade

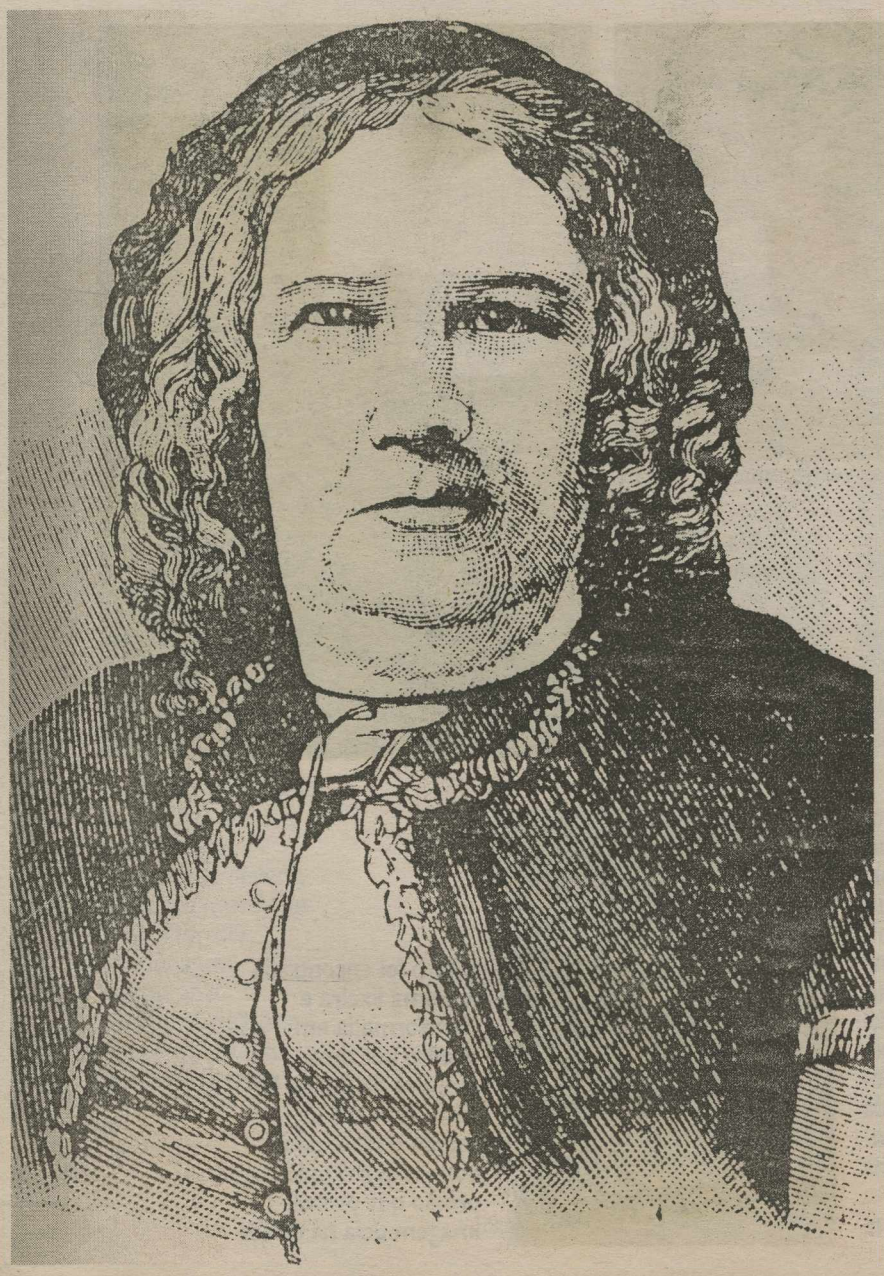
DESBRAVADORA A LUTA PELOS DIREITOS DA MULHER LHE CUSTOU O NÃO RECONHECIMENTO

A pioneira do feminismo brasileiro

Constância Lima Duarte*
ESPECIAL PARA O DN EDUCAÇÃO

Quando pensamos na história da luta feminina em busca de seus direitos no Brasil, vários são os nomes de mulheres que nos ocorrem. Josefina Álvares de Azevedo, Luciana de Abreu, Francisca Senhorinha da Mota Diniz, Presciliana Duarte de Almeida, Joana Paula Manso de Noronha e Bertha Lutz, por exemplo, são apenas alguns nomes que poderiam ser citados. Mas se recuamos ainda mais e tentamos alcançar as primeiras páginas dessa história, um nome logo se destaca e se impõe: Nísia Floresta Brasileira Augusta. A esta mulher devemos as primeiras e mais importantes páginas dessa luta, pela coragem revelada em seus escritos e pelo ineditismo e ousadia de suas idéias.

Este nome, melhor, pseudônimo, pertenceu à norte-rio-grandense Dionísia Gonçalves Pinto, nascida em Papari em 1810, e que, após residir em diversos Estados brasileiros, como Pernambuco, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro, mudou-se para a Europa. Nísia Floresta morreu em 1885, em Rouen, cidade do interior da França, e foi enterrada em Bonsecours, na época, um pequeno distrito de Rouen.



Num tempo em que a grande maioria das mulheres brasileiras vivia trancafiada em casa sem nenhum direito; quando o ditado popular dizia que "o melhor livro é a almofada e o bastidor" e tinha foros de verdade para muitos, justo nesse tempo Nísia Floresta dirigia um colégio para moças no Rio de Janeiro e escrevia livros e mais livros para defender os direitos das mulheres, dos índios e dos escravos.

Nísia Floresta deve ter sido uma das primeiras mulheres no Brasil a romper os limites do espaço privado e a publicar textos em jornais da chamada grande imprensa. E foram muitas as colaborações que a cada dia surgiam sob a forma de crônicas, contos, poesias e ensaios. Aliás, esse é um traço da modernidade de Nísia Floresta: sua constante presença na imprensa nacional desde 1830, sempre comentando as questões mais polêmicas da época. Se lembramos que apenas em 1816 a imprensa chegou ao país, mais se destaca o papel pioneiro que esta brasileira desempenhou no cenário nacional.

Um feminismo feito com instrução e trabalho

Mas houve um preço por tal pioneirismo. Seu nome foi envolvido pelo manto do esquecimento e durante algumas décadas não se ouviu falar dela. O pouco que se ouvia estava marcado pelo preconceito, ou impregnado da surpresa dos que se deparavam com uma história de vida como a sua, e a novidade de suas reflexões. Viver à frente de seu tempo vai custar lhe o não-reconhecimento do talento: por isso seu nome não costuma ser citado na história da Literatura Brasileira, como escritora romântica, ou na História da Educação feminina, como educadora.

E se agora ela começa a se tornar um pouco mais conhecida é justamente por um trabalho de recuperação de autoras e obras do passado que vem sendo feito em nossas universidades desde a década de oitenta. Alguns de seus livros foram reeditados e suas idéias retornam para nos lembrar um pouco da sofrida história das mulheres na luta pelo reconhecimento de seus direitos e de sua capacidade intelectual.

Faço, em seguida, uma rápida apresentação de seus escritos e das diferentes vertentes de sua militância. O interessante, numa leitura de sua obra, é observar como os textos dialogam entre si, um iluminando o outro, como peças complementares de um mesmo plano de ação prática: formar e modificar consciências. Seu propósito torna-se nítido: alterar o quadro ideológico vigente no que diz respeito ao comportamento das mulheres e, naturalmente, o dos homens seus contemporâneos.

Senão, vejamos: o primeiro livro escrito por Nísia Floresta é também o primeiro que se tem notícia no Brasil que trata dos direitos das mulheres à instrução e ao trabalho, e exige que elas sejam consideradas como seres inteligentes e merecedores de respeito pela sociedade. Este livro, publicado em 1832 em Recife (PE), tem o sugestivo título de Direitos das mulheres e injustiça dos homens, e, quando surgiu, há 174 anos atrás, Nísia tinha apenas 22 anos e a grande maioria das brasileiras vivia enclausurada em preconceitos, sem qualquer direito que não fosse o de ceder e aquiescer sempre à vontade masculina. No ano seguinte saiu uma segunda edição e, em 1839, ainda uma terceira, no Rio de Janeiro.

Os Direitos das mulheres de Nísia Floresta foi inspirado no livro de Mary Wollstonecraft - Vindications of the rights of woman - conforme ela mesma declara, mas também na Declaração dos direitos da mulher e da cidadã, de Olympe de Gouges, e em outras obras de autores europeus, como Poulain de La Barre e Sophie. Só que, ao invés de simplesmente traduzir um deles, a autora brasileira escreve um novo texto em que aponta para os principais preconceitos existentes no Brasil contra a mulher, identifica as causas desse preconceito na colonização portuguesa, e ainda desmistifica a idéia dominante da superioridade masculina.

O texto revolucionário de Mary Wollstonecraft havia sido publicado em Londres em 1792, como resposta à Declaração Universal dos Direitos do Homem. Neste mesmo ano surgiu a tradução francesa e nos anos seguintes diversas outras edições. O livro rapidamente se tornou conhecido e repercutiu pela Europa e Estados Unidos consagrando o nome de sua autora como a pioneira na defesa dos direitos da mulher.

Quatro décadas mais tarde seria a vez de Nísia Floresta inscrever seu nome nesta história. E aí está a grande questão, insisto. Nísia não realiza uma tradução no sentido convencional, mas escreve um outro texto, que será o seu texto sobre os direitos das mulheres brasileiras. Mary Wollstonecraft e demais autores lhe deram a motivação ao colocar em letra impressa questões pertinentes às mulheres européias, e voltadas para o público de seu país. Nísia empreende então uma verdadeira 'antropofagia libertária', ao que ainda acrescento: não como opção, mas por fatalidade histórica. Na deglutição geral das idéias estrangeiras aqui chegadas, era comum promover-se uma acomodação das mesmas ao cenário nacional. E é o que ela faz. Assimila as concepções apreendidas nos livros que lia, e devolve um outro produto, pessoal, em que cada palavra é vivida e os conceitos surgem como algo visceral, extraídos da experiência e mediatizadas pelo intelecto.

Por isso costumo afirmar que, nesta 'tradução livre' de Nísia Floresta temos o texto fundante do feminismo brasileiro, pois trata-se de uma nova escritura, ainda que inspirado na leitura de outros. E mais: vejo-o como uma resposta brasileira aos textos estrangeiros; nossa autora se colocando em pé de igualdade com o pensamento europeu, e cumprindo o importante papel de elo entre as idéias européias e a realidade nacional.

Em sua essência, os Direitos das mulheres de Nísia Floresta se encontram com os Rights of woman de Mary Wollstonecraft, e também com os demais textos aqui citados, tanto na denúncia da mulher como 'classe oprimida' como na reivindicação de uma sociedade mais justa, em que ela fosse respeitada e tivesse os mesmos direitos. Também são pontos comuns a denúncia da superioridade masculina apoiada na força física, a valorização da função materna, a educação como o meio eficaz de promoção feminina e o aparato filosófico de feição iluminista. No mais, os textos se distanciam tomando cada qual o seu rumo, segundo as motivações das autoras, o público a que se destinavam e as peculiaridades da condição feminina num e noutro lugar.

Por exemplo: enquanto a feminista inglesa dedica seu livro ao senhor Talleyrand-Périgord - o antigo bispo de Autun e líder moderado da Revolução Francesa - não para homenageá-lo, mas como forma de lhe responder e contestar suas idéias sobre a educação feminina, Nísia Floresta dedica seus "direitos" às mulheres brasileiras e aos jovens acadêmicos de seu tempo. E é fácil entender porquê. Às mulheres porque é delas que trata e por elas escreve. E aos acadêmicos porque, afinal de contas, eram os representantes legítimos da elite pensante do país, os que poderiam, se quisessem, mudar os rumos dos acontecimentos. Foi desta geração, sabemos bem, que saíram os abolicionistas, os republicanos e também uns poucos - bem poucos - defensores dos direitos da mulher.

Tais reflexões, que não vão encontrar eco entre os contemporâneos, são o testemunho do quanto Nísia Floresta representava de exceção em meio à massa de mulheres submissas, analfabetas e anônimas. Também são elas que vão dar à autora o título de precursora do feminismo no Brasil, e talvez até mesmo da América Latina, pois não existem registros de textos anteriores realizados com estas intenções.

Assim, à medida que nos deixamos envolver pelo discurso nisiano, maior se torna nossa admiração por esta figura inovadora e audaciosa. Se Mary Wollstonecraft foi a primeira na Grã-Bretanha a defender os direitos da mulher; e Olympe de Gouges a primeira no solo francês; no cenário nacional coube a Nísia Floresta o privilégio de praticamente deflagrar a formação de uma consciência feminista. Se considerarmos a contribuição nisiana a esse processo, seu papel de fundadora e sua trajetória militante, num momento histórico de verdadeiro obscurantismo em relação aos direitos femininos, seus vacilos, contradições e certas posturas que hoje interpretaríamos como ingênuas e pueris, afiguram-se menores diante do aspecto pioneiro de sua obra.

O objetivo da educação da mulher, através dos tempos, é torná-la consciente dos seus direitos e deveres

mais, os textos se distanciam tomando cada qual o seu rumo, segundo as motivações das autoras, o público a que se destinavam e as peculiaridades da condição feminina num e noutro lugar.

Por exemplo: enquanto a feminista inglesa dedica seu livro ao senhor Talleyrand-Périgord - o antigo bispo de Autun e líder moderado da Revolução Francesa - não para homenageá-lo, mas como forma de lhe responder e contestar suas idéias sobre a educação feminina, Nísia Floresta dedica seus "direitos" às mulheres brasileiras e aos jovens acadêmicos de seu tempo. E é fácil entender porquê. Às mulheres porque é delas que trata e por elas escreve. E aos acadêmicos porque, afinal de contas, eram os representantes legítimos da elite pensante do país, os que poderiam, se quisessem, mudar os rumos dos acontecimentos. Foi desta geração, sabemos bem, que saíram os abolicionistas, os republicanos e também uns poucos - bem poucos - defensores dos direitos da mulher.

Tais reflexões, que não vão encontrar eco entre os contemporâneos, são o testemunho do quanto Nísia Floresta representava de exceção em meio à massa de mulheres submissas, analfabetas e anônimas. Também são elas que vão dar à autora o título de precursora do feminismo no Brasil, e talvez até mesmo da América Latina, pois não existem registros de textos anteriores realizados com estas intenções.

Assim, à medida que nos deixamos envolver pelo discurso nisiano, maior se torna nossa admiração por esta figura inovadora e audaciosa. Se Mary Wollstonecraft foi a primeira na Grã-Bretanha a defender os direitos da mulher; e Olympe de Gouges a primeira no solo francês; no cenário nacional coube a Nísia Floresta o privilégio de praticamente deflagrar a formação de uma consciência feminista. Se considerarmos a contribuição nisiana a esse processo, seu papel de fundadora e sua trajetória militante, num momento histórico de verdadeiro obscurantismo em relação aos direitos femininos, seus vacilos, contradições e certas posturas que hoje interpretaríamos como ingênuas e pueris, afiguram-se menores diante do aspecto pioneiro de sua obra.

Em outros livros ela continuará a tratar da temática destacando a importância da educação feminina para a mulher e a sociedade. São eles: Conselhos à minha filha, de 1842; Opúsculo humanitário, de 1853; A mulher, de 1859; além de novelas dedicadas às jovens estudantes de seu colégio. Nesses escritos encontramos desde conselhos de como as meninas deviam se comportar, os deveres esperados de uma filha e histórias de cunho didático-moralista, até minuciosas e ricas explanações acerca da história da condição feminina em diversas civilizações e em diferentes épocas.

Em Opúsculo humanitário, por exemplo, que reúne sessenta e dois artigos sobre a educação já publicados nos principais jornais da corte, Nísia Floresta tece comentários sobre a Ásia, a África, a Oceania, a Europa e a América do Norte, antes de tratar do Brasil e da mulher brasileira, sempre observando a relação existente entre o desenvolvimento intelectual e material do país (ou o seu atraso), com o lugar ocupado pela mulher. Nísia, em consonância com intelectuais da época, defende a tese de que o progresso de uma sociedade depende da educação que era oferecida à mulher; e que só a instrução, aliada à educação moral, dariam maior dignidade e fariam da mulher uma melhor esposa e melhor mãe. Esses, aliás, seriam precisamente os objetivos da educação das meninas: torná-las conscientes de seus deveres e papéis sociais.

Hoje, preocupações como estas de Nísia Floresta, podem soar, a ouvidos menos atentos, como algo ultrapassado e até reacionário. Mas isso não é correto. Basta que nos lembremos da valorização da mulher ocorrida em meados do século XIX, quando se redimensiona a maternidade enquanto papel social. Se em dado momento a presença da mulher era inexpressiva em conseqüência da rígida estratificação social que privilegiava o masculino; em outro a figura feminina transforma-se em centro das atenções pela valorização de sua função biológica exclusiva: a maternidade. Tais alterações tiveram, naturalmente, uma grande repercussão em meio às intelectuais que vislumbraram, aí, a possibilidade de as mulheres adquirirem status e poder diante da opinião pública.

Um outro trabalho, também dos mais importantes, é Cintilações de uma alma brasileira, publicado em Florença em 1859. O livro contém cinco ensaios que tratam da educação de jovens, da mulher européia, da pátria e das saudades que ela sentia de seu país, após tantos anos ausente. Um dos textos, intitulado A mulher, trata da mulher francesa de meados do século XIX, que a autora critica pelo comportamento superficial e mundano. Nísia se antecipa aos governantes e pensadores franceses e condena - nesse ensaio - o costume das mulheres de abandonar os filhos recém-nascidos para serem amamentados e criados distantes, no interior do país, por mulheres camponesas. Em outro ensaio, O Brasil, também publicado em Paris em 1871, ela resume a história da nação brasileira, fala dos recursos econômicos, das riquezas conhecidas e latentes, dos sábios e escritores mais conhecidos. Sua intenção era, além de fazer propaganda da pátria no estrangeiro, desfazer os preconceitos e mentiras que predominavam na Europa, acerca do Brasil.

Assim, por tudo o que foi dito - e por muito mais - reafirmo que é hora de dar a Nísia Floresta o lugar de destaque que ela merece na história intelectual da mulher brasileira. A autora foi sim uma mulher 'educada' do Brasil patriarcal e uma das raras mulheres de letras de seu tempo. Mas foi mais ainda. Nísia Floresta foi também uma brasileira erudita e 'ilustrada' como bem poucas de nossa história.

*Professora aposentada da UFRN, atualmente ensina na Faculdade de Letras da UFMG. Após anos de pesquisa, defendeu na USP, em 1991, a Tese de Doutorado intitulada "Nísia Floresta: vida e obra".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

DUARTE, Constância Lima. Nísia Floresta: vida e obra. Natal: EDUFRN, 1995.

_____. Nísia Floresta e Mary Wollstonecraft: diálogo ou apropriação? In O Eixo e a Roda. Revista de Literatura Brasileira da Faculdade de Letras da UFMG, vol. 7, 2001. p. 153-164.

FLORESTA, Nísia. Direitos das mulheres e injustiça dos homens. 4 ed. Introdução, Posfácio e Notas de Constância L. Duarte. São Paulo: Cortez, 1989.

_____. Opúsculo humanitário. Introdução e notas de Peggy Sharpe-Valadares. Posfácio de Constância L. Duarte. São Paulo: Cortez Editora, 1989.

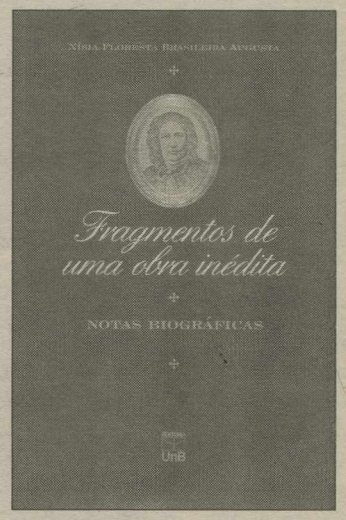
_____. A lágrima de um Caeté. Estudo e Notas de Constância Lima Duarte. Natal: Fundação José Augusto, 1997.

_____. Cintilações de uma alma brasileira. Edição bilíngüe Trad. Michelle Vartulli, Zahidé Muzart e Suzana Funck. Apresentação e biografia de Constância Lima Duarte. Florianópolis: Editora Mulheres, EDUNISC, 1997.

_____. Três anos na Itália, seguidos de uma viagem à Grécia. Vol. I. Trad. Francisco das Chagas Pereira. Natal: Editora da UFRN, 1998.

FRAGMENTOS JORNALISTA TRADUZ LIVRO PARA O PORTUGUÊS, PUBLICADO NA FRANÇA EM 1878

As últimas impressões literárias



" ... lembro com nostalgia carinhosa aquela manhã na biblioteca quando, num discreto farfalho, as folhas do livro, bem como as folhas das árvores, vertentes de um mesmo saber, caíram em minhas mãos e por toda a cidade, num desafio e numa sedução literária em contínua fragmentação, na busca, sempre incessante, por um todo".

Desta forma a jornalista e pesquisadora Nathalie Bernardo Câmara, descreve seu contato com o livro Fragments d´um ouvrage inédit - notes biographiques, escrito por Nísia Floresta Brasileira Augusta. O livro traz, de acordo com a pesquisadora, as últimas impressões literárias de Nísia Floresta, transformadas em livro quando morava na França, sua segunda pátria.

A tradução feita pela jornalista foi editada com o título em português - "Fragmentos de uma obra inédita" pela UnB - Universidade de Brasília - no ano de 2001. Foi muito bem aceita pela comunidade acadêmica, "representando mais uma contribuição para o estudo da vida e obra dessa importante e enigmática figura nacional do século XIX", como afirmou a também pesquisadora Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke. A obra original foi escrita pela autora potiguar em 1878 e publicada com o pseudônimo de Brasileira Augusta.

O livro lançado pela UnB, no entanto, é apenas mais um passo na trajetória de pesquisa que Nathalie Bernardo vem desenvolvendo, há 10 anos, sobre a vida e a obra de Nísia Floresta. Francesa de nascimento e natalense por opção, Nathalie "descobriu" Nísia Floresta ainda criança, quando ganhou uma coleção de selos de um de seus tios. Entre os selos da coleção, havia um de Nísia Floresta, comemorativo ao traslado do corpo da escritora, vindo da França para a sua cidade natal - Papary (atual Município de Nísia Floresta), onde está enterrado em um mausoléu, em uma ação da Academia Norterio-grandense de Letras, na então gestão do escritor Manoel Rodrigues de Melo.

O selo de Nísia lhe despertou o interesse quase que imediatamente. "Ele se transformou em um amuleto que guardo até hoje comigo, mesmo tendo passado a coleção de selos para meu irmão", contou a pesquisadora.

Mesmo estando morando fora do país, em uma de suas passagens por Natal, Nathalie teve oportunidade de conversar com a professora Constância Lima Duarte, com quem compartilhou sua vontade de conhecer mais sobre a escritora e feminista potiguar. Em uma prova de total desprendimento, professora Constância, importante pesquisadora de Nísia Floresta, cedeu grande parte de seu material para Nathalie, que pode aprofundar e transformar seu desejo em uma total investigação.

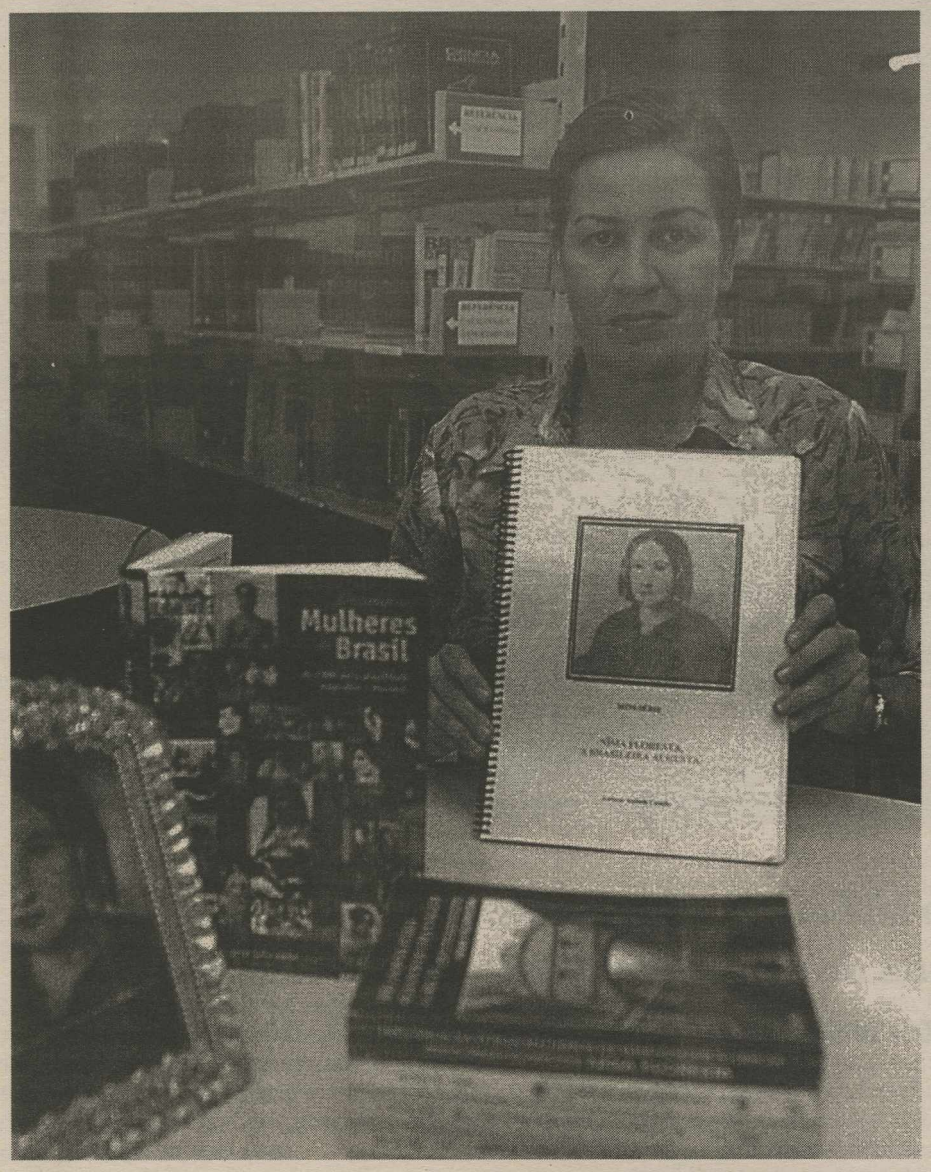
Como resultado já surgiu o livreto "Da Aurora ao Crepúsculo", editado pela Fundação José Augusto em 1997, em comemoração aos 187 anos de nascimento da escritora norterio-grandense. A publicação contou com a participação de Edmar Viana, responsável pelas ilustrações.

Na publicação, Nathalie ressalta diversos aspectos do trabalho realizado por Nísia Floresta e a diversidade de temas com que a autora trabalha. Um exemplo é a questão do índio no Brasil, onde Nísia Floresta escreve em A Lágrima de um Caeté "Indígenas do Brasil, o que sois vós? Selvagens? Os seus bens já não gozais... Civilizados? Não ... vosso tiranos Cuidosos vos conservam bem distantes..."

Seu próximo projeto é um documentário, já em fase de captação de apoio cultural para iniciar a produção. " Não sei o que me prende a Nísia. Nunca parei para pensar. Mas acredito que seja pelo caráter destemido, sempre desafiando os padrões da sociedade", ressaltou Nathalie.

DOCUMENTÁRIO CURTA-METRAGEM DE CATORZE MINUTOS CAUSA POLÊMICA ENTRE PESQUISADORES

Nísia Floresta, uma grande brasileira



Pesquisadora Izabela Camilo, autora do vídeo sobre Nísia Floresta

Capa do vídeo-documentário que conta a vida e a obra da escritora potiguar

A primeira - e até então única - produção audiovisual sobre a vida e obra de Nísia Floresta foi lançada em 2005, pela Interfilmes, sob direção e produção da publicitária e produtora cultural Izabela Camilo de Souza. Tendo como título "Nísia Floresta, uma grande brasileira", trata-se de um documentário de catorze minutos que conta, de maneira simples e cronológica, a história de Dionísia Gonçalves Pinto Lisboa, abordando elementos desde seu nascimento até a sua morte. No entanto, o curta-metragem tem dividido opiniões, especialmente entre estudiosos da obra de Nísia Floresta, em particular de duas grandes pesquisadoras no assunto: Nathalie Bernardo da Câmara e Constância Lima Duarte.

Em artigo publicado n'O POTI de 26 de fevereiro deste ano, nomeado de Telhado de vidro, a jornalista Nathalie Bernardo explicita sua indignação ao ver no filme algumas informações consideradas enganosas e "transmitidas como verdades indiscutíveis ao espectador de boa fé". Segundo ela, vários aspectos da biografia de Nísia Floresta foram divulgados de maneira deturpada, sem o embasamento histórico que requer um documentário.

Um deles diz respeito a um suposto casamento de Nísia aos treze anos de idade. "Digo suposto porque não existem provas de que, de fato, tal união tenha ocorrido. Assim, se não existem provas, a informação até poderia ser divulgada no filme, mas sem a ênfase dada", disse, acrescentando ainda que o documentário afirma que o casamento, além de ter acontecido, deu-se por imposição do pai de Nísia Floresta. Para Nathalie, tal afirmação não é provada, já que "para quem leu os escritos de Nísia, bem como a presumida atitude de Dionísio (seu pai), homem sensível, de idéias liberais que, caso a filha tivesse realmente se casado, limitar-se-ia a adverti-la da sua precipitação".

Dentre outros aspectos, sobre a afirmação pela autora de que "Direitos das mulheres e injustiça dos homens" seria uma 'tradução livre' do livro da feminista inglesa Mary Wollstonecraft, intitulado Vindication of rights of woman, Nathalie disse que, a respeito do assunto, já foram publicadas as descobertas de alguns pesquisadores, inclusive as suas, de que, "na verdade, Nísia Floreta traduziu o tratado feminino "Woman not inferior to man", publicado na Inglaterra, em 1739, por autor ou autora de pseudônimo Shophia, A Person of Quality".

Assim, a jornalista diz que os prováveis erros publicados foram decorrentes de a autora do documentário não ter tido o cuidado de consultar as publicações que abordam o tema, incluindo a tradução de sua autoria, Fragmentos de uma obra inédita - Notas biográficas, de Nísia Floresta, publicada pela Editora Universidade de Brasília, em 2001. Sobre esta obra, Nathalie ainda observou um descuido de Izabela ao intitulá-la de Fragmentos de uma viagem inédita - Notas biográficas.

Um outro equívoco secular e grave, como disse Nathalie, foi o de a documentarista sustentar no filme a falsa versão considerada oficial de que Nísia Floresta teria morrido em Rouen e não em Bonsecours, "como atestam os documentos que encontrei ao longo da minha pesquisa". Concluindo sua opinião, Nathalie Bernardo disse que a autora de "Nísia Floresta, uma grande brasileira" não atentou para a evidência de certos fatos históricos nem para o rigor da ética que a missão informativa que todo e qualquer documentário requer. "Ao invés de informar, o filme pecou por perpetuar mitos e enganos. Não cumpriu o seu papel".

TELHADO DE VIDRO?

Em resposta à jornalista Nathalie Bernardo da Câmara, a diretora do vídeo-documentário sobre Nísia Floresta, Izabela Camilo, em artigo intitulado "Telhado de Vidro?", publicado em O POTI do dia 2 de abril, ressalta que sua pesquisa sobre a escritora Nísia Floresta não é recente, tem início em 1995. Em seguida, a produtora cultural fez comentários sobre as críticas de Nathalie Câmara a seu documentário.

A primeira questão foi com relação ao fato de Nísia Floresta ter se casado aos treze anos. Ela explicou que os fatos foram deturpados, porque em momento algum, o vídeo informa que o pai de Nísia Floresta tenha imposto o casamento. "Refiro-me à família patriarcal e à sociedade da época, de um modo geral", complementou. Com relação à tradução livre de "Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens" ter sido feita a partir da obra de Mary Wollstonecraft, Izabela disse que o livro é conhecido como "travessura literária" de Nísia Floresta, "pois é a própria Nísia quem afirma ter se baseado na autora inglesa citada, apesar de sabermos que ela se inspirou em várias fontes". Num outro tópico, a publicitária explicou que a troca de uma palavra, como foi o caso da citação do livro Fragmentos de uma obra inédita - Notas biográficas, onde "obra" foi substituída por "viagem", às vezes acontece e isso não altera em nada o teor da obra.

Em seguida, Izabela disse não ver descaso nem equívoco ao afirmar em seu documentário que Nísia Floresta foi sepultada em Rouen. "Ela foi sepultada em Bonsecours, na época, um distrito de Rouen", disse, complementando que o ponto de vista de Nathalie Câmara sobre o

Jornalista e escritora Nathalie Câmara faz críticas ao documentário

curta-metragem não interfere no conjunto da obra. "Apesar dos poucos recursos, consegui mostrar, de forma clara, objetiva e harmoniosa, quem foi Nísia Floresta".

Segundo Izabela, sua intenção era produzir um vídeo compreensível a todas as faixas etárias possíveis. "Fiz uma singela homenagem a uma grande brasileira e esse é o mérito da questão", ressaltou, e disse, logo em seguida, que "o pior de tudo é a pretensão e o descabimento de Nathalie Câmara ao divulgar, publicamente, que eu quis 'comprar' a pesquisa dela. Afinal, por que eu compraria uma pesquisa se já estava realizando a minha?", questionou.

NÍSIA EM DVD

Outra escritora que também fez questão de dar sua opinião sobre o vídeo foi a professora Constância de Lima Duarte, considerada a maior autoridade na pesquisa sobre Nísia Floresta. Sobre o assunto ela encaminhou para o DN Educação sua opinião que transcrevemos os principais trechos:

"Em fins do ano passado conheci o vídeo. Na ocasião, manifestei por telefone meu apreço ao trabalho e louvei, principalmente, o fato de terem 'tirado leite de pedra', pois haviam encontrado soluções interessantes para falar da vida e da obra da escritora. Os empecilhos, que eram muitos e pareciam quase intransponíveis, não foram suficientes para impedir que as jornalistas realizassem seu projeto, tal como haviam planejado. A quase ausência de fotos da autora, a inexistência de imagens dos filhos, do colégio, e até das casas em que ela residiu - em Papary, Goiana, Recife, Porto Alegre e Rio de Janeiro, por exemplo - foi habilmente contornada com imaginação e uma cuidadosa pesquisa do momento histórico.

Também as lacunas em termos de dados biográficos, que ainda são muitas, foram enfrentadas com naturalidade diante do telespectador. E o resultado foi um trabalho honesto, acessível a um público amplo, que reúne as informações mais fundamentais e dá notícia de suas idéias, de seus livros, chamando atenção para certos aspectos mais revolucionários de seu pensamento.

Naturalmente, aqui e ali, percebi pequenos problemas, mas tão pequenos que, a meu ver, não comprometiam o trabalho final, nem impediam que o vídeo fosse utilizado em salas de aula, cumprindo o papel de divulgador de Nísia Floresta. O fato, por exemplo, de se dizer que ela foi enterrada em Rouen, em nada compromete a veracidade do acontecimento, até porque, naquela época, Bonsecours era um pequeno distrito de Rouen, e só tempos depois se emancipou enquanto cidade. Da mesma forma, a afirmação que "Direitos das mulheres e injustiça dos homens" seria uma 'tradução livre' do livro da feminista inglesa, Mary Wollstonecraft, intitulado "Vindication of rights of woman". Afinal, foi assim que a própria Nísia deixou registrado na capa de seu primeiro livro. O preciosismo da informação de que, na verdade, o trabalho nisiano conteria inúmeros vestígios de outras obras européias, ainda mais antigas e raras, vai interessar principalmente a um público acadêmico e restrito, e não a jovens estudantes ou a quem apenas ensaia uma aproximação da escritora. De mais a mais, não custa lembrar, 'tradução livre' é um termo que permite variações e inserções intelectuais diversas.

E não só estas, mas as demais informações que ali estão veiculadas encontram-se disseminadas em documentos. Foram Henrique Castriciano e Câmara Cascudo, por exemplo, os que primeiro divulgaram que Nísia havia se casado aos treze anos, se separado logo em seguida, e sofrido a perseguição desse marido em Recife e até em Porto Alegre. Tendo em vista a idoneidade dos informantes, também repeti tal notícia em textos que escrevi sobre a autora. Se Castriciano visitou a filha de Nísia em sua residência na França, justamente para recolher dados biográficos; e se Cascudo reiteradamente fez referências ao casamento precoce em suas Actas, não há porque não considerá-lo, por mais contraditório que hoje nos pareça.

O vídeo cumpre, assim, o seu papel de disseminador da imagem de Nísia Floresta. Porque este - a meu ver - deve ser o grande compromisso de quem estuda a autora potiguar: divulgar sempre seu nome para que ele não caia no esquecimento, e aproveitar toda oportunidade para apresentá-lo às novas gerações.

Estou convencida de que é fundamental que conheçamos sempre mais e mais Nísia Floresta, pois acredito que sua importância ultrapassa em muito a sua pessoa. À medida que pesquisamos sua trajetória de vida e lemos seus livros, estamos também adentrando na desconhecida e mal contada história da mulher brasileira. E a obra que Nísia nos legou contribui decisivamente para desvendar os bastidores da submissão, do autoritarismo e do preconceito.

Como todo trabalho intelectual e científico, cada texto que se escreve, cada reflexão que é feita, ou cada imagem que é criada em torno de um tema, necessariamente vai se somar aos demais, e acrescentar novas informações. Por isso, é preciso somar nossos esforços em torno de Nísia Floresta para que consigamos, um dia, colocá-la no cenário nacional como ela bem o merece, e torná-la cada vez mais conhecida de todos. Que venham outros vídeos, filmes e livros sobre Nísia Floresta!

Professora e escritora Constância Lima Duarte pesquisadora de Nísia Floresta

ARTIGO IZABELA CAMILO *

Telhado de vidro?

Em resposta ao artigo de Nathalie Bernardo Câmara, publicado neste jornal, no dia 26 de fevereiro de 2006, gostaria de dizer que também iniciei minha pesquisa sobre Nísia Floresta em 1995, o que pode ser comprovado através de matérias publicadas na Tribuna do Norte (03/11/1996, 13/11/2004, 10/09/2005 e 25/09/2005) e no Diário de Natal (15/03/2003 e 01/03/2005).

Em relação aos aspectos que Nathalie Câmara julga terem sido divulgados de maneira deturpada, no vídeo-documentário 'Nísia Floresta, uma grande brasileira', afirmo o seguinte:

1. Em relação ao fato de Nísia Floresta ter se casado aos 13 anos de idade, basta conferir os livros reeditados por Constância Lima Duarte (maior autoridade em Nísia Floresta), entre eles: 'Cintilações de uma alma brasileira' e 'Itinerário de uma Viagem à Alemanha', ed. Mulheres; 'A Lágrima de um Caeté', ed. Fund. José Augusto e 'Opúsculo Humanitário', ed. Cortez. Há ainda 'Dicionário Mulheres do Brasil', Jorge Zahar Editor, RJ, 2000, p. 451; 'Cartas - Nísia Floresta & Auguste Comte', p. 47, 48, ed. Mulheres, Florianópolis, 2002; 'A Mulher Potiguar ù Cinco Séculos de Presença', Ed. Fund. José Augusto, entre vários outros;

2. Em momento algum o vídeo informa que o pai de Nísia Floresta impôs o casamento dela. Refiro-me à família patriarcal e à sociedade da época, de um modo geral;

3. O fato da tradução livre de Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens ter sido feita à partir da obra de Mary Wollstonecraft, é conhecido como "travessura literária" de Nísia Floresta, pois é a própria Nísia quem afirma ter se baseado na autora inglesa citada, apesar de sabermos que ela inspirou-se em várias fontes;

4. A troca de uma palavra ou de uma letra, nas legendas ou no áudio de um vídeo ou filme, às vezes acontece, isso não altera o teor da obra. O próprio artigo de Nathalie tem erros de digitação. Terá sido descuido dela?;

5. Nísia Floresta foi sepultada em Bonsecours, na época, um distrito de Rouen, na França. Não vejo, aí, equívoco, nem descaso.

Afirmações e críticas como estas são insignificantes e nem merecem ser discutidas, mas em respeito aos leitores deste renomado jornal, aos pesquisadores e estudiosos de Nísia Floresta, aos expectadores do vídeo, além de alguns apoiadores, resolvi fazer estas considerações.

O ponto de vista de Nathalie sobre o curta-metragem que produzi, não interfere no conjunto da obra. No vídeo 'Nísia Floresta, uma Grande Brasileira', apesar dos poucos recursos, consegui mostrar, de forma clara, objetiva e harmoniosa, quem foi Nísia Floresta (escritora, educadora, feminista, abolicionista, republicana, indianista etc.). Minha intenção era produzir um vídeo compreensível a todas as faixas etárias possíveis e não apenas a meia dúzia de pessoas.

Fiz uma singela homenagem a uma grande brasileira e esse é o mérito da questão. Em nenhum momento a imagem de Nísia Floresta foi denegrida, mas, sim, dignificada. Uma mulher da estirpe de Nísia Floresta, orgulha um estado e uma nação e é disso que temos de tratar: de divulgar e valorizar nossos vultos históricos.

Mas o pior de tudo é a pretensão e o descabimento de Nathalie Câmara ao divulgar, publicamente, que eu quis "comprar" a pesquisa dela. Das vezes que estive em Brasília, foi com a intenção de inscrever meus projetos em leis de incentivo à cultura.

Afinal, por que eu compraria uma pesquisa se já estava realizando a minha? Se eu precisasse adquirir mais informações sobre Nísia Floresta, procuraria Constância Lima Duarte.

Gostaria de ressaltar ser lamentável que valores pelos quais Nísia Floresta tanto lutou como DIGNIDADE, RESPEITO e VERDADE não façam parte do caráter de algumas pessoas que, falsa e arrogantemente, se travestem dos mesmos.

Mas além das críticas de pessoas que não fazem idéia do que é roteirizar, filmar, dirigir, produzir, montar e divulgar um vídeo, recebi centenas de elogios e louvores pela iniciativa.

Quem quiser tirar a dúvida assista ao vídeo 'Nísia Floresta, uma Grande Brasileira' e seja o juiz.

■ Izabela Camilo é publicitária, produtora cultural, diretora e roterista. É autora dos roteiros "Nísia Floresta, a Brasileira Augusta", "As faces de Nísia Floresta" e "Nísia Floresta". Roteirizou e dirigiu: "Cuscuz e Tapioca", "Pobre menina rica", "A encomenda", entre outros.

ARTIGO NATHALIE BERNARDO DA CÂMARA *

Telhado de vidro

NA CONDIÇÃO DE ESTUDIOSA da escritora, educadora e feminista Nísia Floresta Brasileira Augusta (Papary 1810 -Bonsecours 1885), há mais de dez anos pesquisando a sua vida e obra, sinto-me no direito e, sobretudo, no dever de tecer alguns comentários sobre o documentário Nísia Floresta ù Uma grande brasileira, de Izabela Camilo, em DVD, produzido pela Interfilms e lançado, por estas plagas, em 2005, mas que apenas recentemente tive a oportunidade de assistí-lo. Escrevo este, portanto, em função da minha indignação ao ver totalmente desconsideradas pela documentarista verdades históricas trazidas à luz nos últimos anos e amplamente registradas sobre alguns aspectos da vida de Nísia Floresta.

Sob o manto da respeitabilidade e veracidade de que o título confere ao documentário, suposições e informações enganosas são transmitidas como verdades indiscutíveis ao espectador de boa fé. Três aspectos, em especial, da biografia de Nísia Floresta, foram divulgados de maneira deturpada, sem o embasamento histórico quer requer um documentário. Bom, o primeiro dos aspectos diz respeito a um suposto casamento de Nísia Floresta com apenas treze anos de idade. Digo suposto porque não existem provas de que, de fato, tal união tenha ocorrido. Assim, se não existem provas, a informação até poderia ter sido divulgada no filme, mas sem a ênfase dada.

Izabela Camilo afirma, ainda, que o casamento, além de ter acontecido, deu-se por imposição do pai de Nísia Floresta, o advogado e escultor português, radicado no Brasil, Dionísio Gonçalves Pinto ù afirmação, aliás, improvável, para quem leu os escritos de Nísia, bem como a presumida atitude de Dionísio, homem sensível, de idéias liberais, que, caso a filha tivesse realmente se casado, limitar-se-ia a advertí-la da sua precipitação. Um outro aspecto questionável é a afirmação da diretora de que a tradução Direitos das mulheres e injustiça dos homens, de Nísia Floresta, publicada em 1832, em Pernambuco, foi feita a partir do livro Vindication of the rights of woman, de Mary Wollstonecraft, publicado na Inglaterra, em 1792.

Só que, sobre o assunto, já foram publicadas as descobertas dos pesquisadores Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke, as de Pierre Bazin e as minhas, de que, na verdade, Nísia Floresta traduziu o tratado feminista Woman not inferior to man, publicado na Inglaterra, em 1739, por autor ou autora de pseudônimo Shophia, A Person of Quality. O curioso é que essas informações estão no livro Nísia Floresta, o Carapuceiro e outros ensaios de tradução cultural, de Maria Lúcia, publicado pela Editora Hucitec, em 1996, e nas notas da tradução, de minha autoria, dos Fragmentos de uma obra inédita ù Notas biográficas, de Nísia Floresta, publicada pela Editora Universidade de Brasília, em 2001.

Isso significa dizer que a pesquisadora, roteirista e diretora do documentário Nísia Floresta ù Uma grande brasileira, não deve ter consultado o livro de Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke nem a minha tradução, muito menos outras publicações que tratam do assunto. Se ela leu, não deu a devida importância às informações que teve acesso, o que depõe contra o seu status intelectual e profissional. O descaso para com evidências históricas sobre Nísia Floresta pode ser igualmente observado também no descuido para com o título de uma de suas obras, no caso, Fragmentos de uma obra inédita ù Notas biográficas, que aparece no documentário como Fragmentos de uma viagem inédita...

Um outro equívoco secular e grave cometido pela documentarista foi o de ela sustentar no filme a falsa versão considerada oficial de que Nísia Floresta teria morrido em Rouen e não em Bonsecours, como atestam os documentos que encontrei, ao longo da minha pesquisa ù tal descoberta, aliás, foi divulgada na matéria Na trilha de Nísia Floresta, publicada pelo jornal O Poti, do dia 24 de novembro de 1996, no Rio Grande do Norte, e em trabalhos publicados posteriormente. Enfim, gostaria de dizer que é lamentável que a diretora Izabela Camilo não tenha se preparado devidamente para realizar o documentário de alto nível que Nísia Floresta Brasileira Augusta merece.

Afinal, em 1996, quando me procurou em Brasília e me propôs que lhe vendesse a minha pesquisa sobre Nísia Floresta, ela parecia ter noção de que um documentário que se preze exige muito trabalho prévio. Porém, não aceitei a sua proposta, já que eu mesma estava envolvida num projeto para realizar um documentário sobre a vida e a obra de Nísia. Assim, o fato é que a diretora de Nísia Floresta ù Uma grande brasileira não atentou para a evidência de certos fatos históricos nem para o rigor da ética que a missão informativa que todo e qualquer documentário requer. Desse modo, ao invés de informar, o filme pecou por perpetuar mitos e enganos. Não cumpriu o seu papel.

* Nathalie Bernardo da Câmara é jornalista, fotógrafa, escritora, tradutora e autora do roteiro para o documentário Da aurora ao crepúsculo, longa-metragem sobre Nísia Floresta, a ser narrado por Giulia Gam, com participação especial de Walderez de Barros.

Recortes dos artigos publicados na imprensa de Natal sobre a polêmica do vídeo-documentário

Depoimentos

"Nísia Floresta foi uma personalidade ímpar: feminista, jornalista, poetisa, abolicionista, republicana e, sobretudo, educadora. Uma mulher à frente de seu tempo. Numa época de interdições se mostrou livre e fez da liberdade a linha mestra de sua vida. Uma excepcional educadora que em tempo de inquisições se contrapôs às práticas de castigos corporais: torturas como métodos de aprendizado, palmatórias e açoites como agentes educacionais das crianças. Ela fez prevalecer sua pedagogia da liberdade na crítica severa aos métodos educacionais da época, como pode ser comprovado nos seus escritos. Hoje sabemos que a liberdade é fundamental para uma educação que não se limite a empilhar conhecimentos mas que prepare a criança, o jovem, para pensar e agir com liberdade e responsabilidade, em todos os níveis: um cidadão. Em Nísia, a liberdade atravessou todas as dimensões de seu ser. Ela foi pioneira ao pensar em profundidade a natureza da relação entre educação e liberdade".

Fátima Bezerra
(Professora e Deputada Federal PT-RN)

"Nísia Floresta lutou pela possibilidade de acesso das mulheres à educação e isso conseqüentemente nos trouxe cidadania; por isso sinto tamanha admiração por ela. Nísia é um exemplo a ser seguido por todas nós mulheres. Não posso deixar de dizer que uma mulher que em um tempo de privações de liberdade quebrou barreiras me inspira para a minha luta diária na Assembléia Legislativa".

Larissa Rosado
(Deputada Estadual - PMDB)

"Ao prepararmos o projeto do livro Literatura do Rio Grande do Norte: antologia, eu e a professora Constância Lima Duarte refletimos bastante sobre os critérios de inclusão dos autores no corpus dessa literatura. Nísia Floresta foi um nome chave das nossas discussões, porque embora nascida aqui viveu muitos anos lá fora (em outros estados brasileiros e na Europa) e nunca voltou. Consideramos, também, a possibilidade de ser a escritora reivindicada por outro estado e outra literatura. Resolvemos, por isso, adotar o critério mais amplo de contribuição para a formação e a evolução cultural, abrindo a série literária norte-rio-grandense com o nome dessa escritora. Nísia homenageia seu lugar de origem desde a escolha do pseudônimo literário - Floresta - até as inúmeras referências aos costumes, a paisagem e a infância vivida em terras potiguares. Decidimos, enfim, abrir pela mão de Nísia Floresta nossa História Literária seguras de que é uma honra ter em nossa fundação uma intelectual que refletiu em prosa e verso sobre as questões mais candentes, não só do tempo em que viveu, mas do nosso tempo".

Diva Maria Cunha Pereira de Macedo
(Professora da UFRN)

"O que marca a trajetória de luta de Nísia Floresta é seu comprometimento com a sociedade em que viveu, sua vontade de mudar, seu posicionamento quanto a discriminação contra as mulheres, negros e índios. Nísia foi abolicionista, republicana e, sem dúvidas, uma revolucionária. Foi ela quem nos mostrou que a luta das mulheres e de todos os cidadãos em busca de direitos não deve ser isolada".

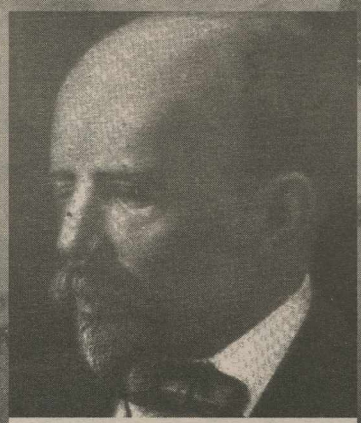
Vera Lúcia Barreto
(Presidente do Conselho Municipal da Mulheres e Minorias)

"A escritora Nísia Floresta lutou contra diversos tipos de discriminação, quer seja de raça ou de gênero. Pautou sua vida reivindicando educação em igual nível para homens e mulheres, além de brigar contra os escravagistas. Por isso, ela é um exemplo para todas nós. Eu que tenho minhas origens em Canguaretama, mesma região Agreste onde fica a cidade onde Nísia viveu, me orgulho da bravura desta mulher. Mas é como sempre digo, a mulher precisa ser lutadora sem perder a delicadeza e delicada, sem perder a capacidade de se indignar e combater as injustiças".

Gesane Marinho
(Deputada Estadual - PDT)

"O Rio Grande do Norte sempre se destacou pela bravura e pioneirismo de suas mulheres. Nísia Floresta Brasileira Augusta, sem dúvida, foi uma dessas mulheres, e das mais notáveis. Uma das primeiras em todo o país, e mesmo na América Latina, a ocupar os espaços públicos e a levantar a bandeira dos direitos femininos.
Numa época em que as mulheres viviam reféns de autoritarismos e arbitrariedades, mergulhadas numa atmosfera de opressão e medo, Nísia Floresta conseguiu fazer com que o brilho do seu talento e a grandeza dos seus ideais se impusesse diante de todos, abrindo espaço para que outras mulheres pudessem seguir o seu exemplo e sua caminhada. Hoje, ao passo em que constatamos que as mulheres estão conseguindo avanços significativos na sua luta para se libertar daquela velha realidade, percebemos que ainda resta muito a ser feito e que o exemplo de grandes guerreiras como Nísia Floresta é fundamental para que continuemos a lutar e a vencer".

Márcia Maia
(Deputada Estadual - PSB)



"Estamos em divida atrasada para esse grande vulto feminino. Nisia Floresta é um dos mais notáveis da nossa vida intelectual"

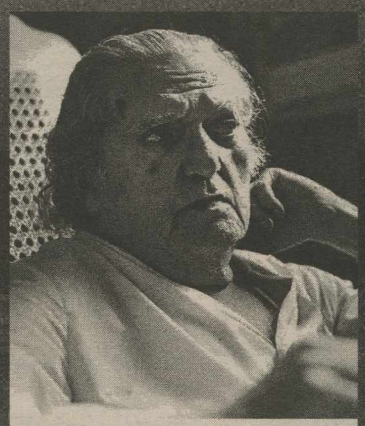
João Ribeiro
(Historiador)
"Jornal do Brasil" de 25/10/1933

"Nísia Floresta foi, e continua sendo, uma mulher que nos inspira pelo vanguardismo e pioneirismo que marcaram profundamente a sua brilhante trajetória. Quando já em sua primeira obra, publicada em 1832, mostrando estar bem à frente do seu tempo, Nísia escreve sobre os "Direitos das mulheres e injustiça dos homens". E assim seguiu Nísia Floresta, tratando e condenando a formação educacional da mulher, numa época em que não tínhamos o direito de contestar. Graças a mulheres com biografias como a da escritora Nísia Floresta, temos conseguido ocupar o nosso espaço na sociedade, na política. E, inspiradas em figuras como Nísia, haveremos de continuar firmes nessa luta objetivando ampliar a nossa participação na busca por uma sociedade mais justa e igual. Numa sociedade, não dominada pelas mulheres, mas onde possamos caminhar lado a lado com os homens".

Ruth Ciarlini
(Deputada Estadual -PFL)

"Poucos brasileiros conhecem este nome. Entretanto, ele é de uma das mais fortes mentalidades femininas deste pais".
"Prestará inestimável serviço às letras pátrias quem estudar criteriosa e demoradamente essa por tantos títulos excepcional figura feminina, uma das primeiras da fase romântica entre nos"

Henrique Castriciano
(Escritor e Ex-vice-governador do RN)
Almanaque Garnier - 1908



"Figura invulgar para o mundo em que viveu, forte, sensível, enérgica, heróica na defesa e divulgação de suas idéias, nenhum outro nome se pode comparar com a sua atividade mental e acompanhar-lhe o traço impressionante de sua mentalidade nova, generosa, idealista."

Luís da Câmara Cascudo
(Historiador e Folclorista)

"Nas letras, nos fins do século XIX, apareceria uma Carmen Dolores, depois uma Júlia Lopes de Almeida. Antes delas, quase que só houve bacharelas medíocres, solteironas pedantes ou simplórias, colaboradoras do "Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro". E assim mesmo foram raras. Nísia Floresta surgiu como uma exceção escandalosa. Verdadeira machona entre sinhazinhas dengosas do meado do século XIX. No meio dos homens dominando sozinhos todas as atividades extradomésticas, e as mal sabendo escrever; dos senhores os devotos e novelas que eram quase de ver uma figura como a de Nísia".

Gilberto Freire
(Sociólogo e escritor)
"Sobrados e Mucambos", pág. 134.

COLETÂNEAS A ATUAÇÃO DE NÍSIA NO MAGISTÉRIO NA VISÃO DE IMPORTANTES PUBLICAÇÕES DO PAÍS

Educação

ferramenta para a emancipação

A sala de aula sempre será um instrumento de transformação social, tanto para homens quanto para mulheres. Coube a Nísia dizer isso a toda a sociedade

À educação formal, elas tiveram acesso há aproximadamente 120 anos, já o direito ao voto foi há quase 70 anos e a igualdade plena só veio através da constituição de 1988. Mas a história das mulheres brasileiras começa muito antes dessas datas, desde o Brasil Colonial, com as senhoras brancas e sinhazinhas, ou a negra na senzala e a índia na tribo. Com a instauração da República, a participação das mulheres se tornou comum na luta pela emancipação política, através da conquista do voto e dos direitos civis básicos como à educação.

A história de participação da mulher brasileira nos aspectos de transformações sociais, desde os tempos do Brasil Colonial até o Século XX, é resgatada por diversas publicações literárias, abordando temas e personagens que contribuíram significativamente para mudanças, principalmente através da educação. Um dos personagens muito citados por essas coletâneas é a escritora, feminista e educadora potiguar Nísia Floresta Brasileira Augusta. E, em praticamente todos verbetes sobre a escritora potiguar, há uma idéia em comum: as transformações sociais têm a educação feminina como ferramenta principal. Sem educação, não haveria a conquista dos direitos básicos da mulher.

A primeira coletânea a ser publicada nacionalmente sobre a mulher, abordando a militância nisiana foi "Mulheres Illustres do Brazil", de Ignez Sabino, publicada em 1899, sendo reeditado em 1996. O nome de Ignez merece ser lembrado não tanto por seus contos e poesias, mas principalmente pela luta em defesa dos direitos da mulher. Daí a sua identificação com Nísia Floresta, que mereceu importantes referências na sua coletânea.

Outra publicação é o "Dicionário das Mulheres do Brasil", editado por Jorge Zahar Editor. O livro é uma abrangente radiografia biográfica das mulheres que participaram da construção da história da nação. Das 1.500 personagens investigadas pelos doze pesquisadores que percorreram vários estados brasileiros, 900 foram transformadas em verbetes, sendo 15 potiguares e o maior destaque é dado para Nísia Floresta Brasileira Augusta. O objetivo foi dar visibilidade à atuação feminina, desde 1500 até 1975, nos mais diversos campos sociais, da religião, artes, política, educação e literatura. O livro conta a vida e obra de Nísia Floresta, desde a sua infância em Papary até a morte na França.

A MULHER EM SALA DE AULA

"Enquanto pelo velho e novo mundo vai ressoando o brado - emancipação da mulher-, nossa débil voz se levanta na capital do Império de Santa Cruz, clamando: educai as mulheres! Povos do Brasil, que vos dizeis civilizados! Governo vos dizeis liberal! Onde está a doação mais importante dessa civilização, desse liberalismo?" (Nísia Floresta, em 1835).

"História das Mulheres no Brasil" é outra importante publicação organizada por Mary del Priori, Ed. Contexto(SP)/Ed. Fundação Unesp. Escrito por duas dezenas de pesquisadores, o livro se propõe a contar a história da mulher brasileira, através da sua infância, do seu corpo, da sua sexualidade, do trabalho, da mídia, da literatura e de suas imagens frente à sociedade.

No Livro, um texto de Guacira Lopes Louro analisa a condição da educação feminina no século XIX, a partir da experiência da educadora Nísia Floresta. A autora cita o livro "Opúsculo humanitário, "um dos vários escritos com que essa professora autodidata iria perturbar a sociedade brasileira. Afinal, o que pretendia essa "mulher metida a homem"? Nísia Floresta, uma voz feminina revolucionária, denunciava a condição de submetimento em que viviam as mulheres no Brasil e reivindicava sua emancipação, elegendo a educação como o instrumento através do qual essa meta seria alcançada".

O discurso sobre a importância da educação na modernização dos pais era recorrente. As críticas ao abandono educacional em que se encontrava a maioria das províncias estavam presentes nos debates do Parlamento, dos jornais e até mesmo dos saraus. Os anos se passavam e o Brasil caminhava para o século XX com grande parte da população ainda analfabeta. Aqui e ali, no entanto, havia escolas - certamente em maior número para meninos, mas também para meninas; escolas mantidas por leigos -professores para as classes de meninos e professoras para as

Enquanto pelo velho e novo mundo vai ressoando o brado - emancipação da mulher-, nossa débil voz se levanta na capital do Império de Santa Cruz, clamando: educai as mulheres! Povos do Brasil, que vos dizeis civilizados! Governo vos dizeis libera!! Onde está a doação mais importante dessa civilização, desse liberalismo? (Nísia Floresta, em 1835).

de meninas. Deveriam ser, eles e elas, pessoas de moral inatacável; suas casas ambientes decentes e saudáveis, uma vez que as famílias lhes confiavam seus filhos e filhas.

As tarefas desses mestres e mestras não eram, contudo, exatamente as mesmas. Ler, escrever e contar, saber as quatro operações, mais a doutrina cristã, nisso consistiam os primeiros ensinamentos para ambos os sexos; mas logo algumas distinções apareciam: para os meninos, noções de geometria; para as meninas, bordado e costura.

A FICÇÃO DIDÁTICA DE NÍSIA FLORESTA

A obra "500 anos de Educação no Brasil", ed. Autêntica, também retrata a figura de Nísia Floresta como educadora. É uma coletânea de textos sobre a história da educação no país, escritos por importantes autores da área, entre eles, a professora Constância Lima Duarte, autora do texto "A Ficção Didática de Nísia Floresta":

"Quando observamos o percurso realizado pelas mulheres na conquista de seus direitos mais elementares, como o de ser alfabetizada, poder freqüentar escolas, ou simplesmente ser considerada um ser dotado de inteligência, verificamos o quanto esse percurso foi tortuoso. É possível vislumbrar em parte esse trajeto se examinarmos as trilhas deixadas por algumas escritoras em seus textos, conscientes de que faziam parte de uma reduzida elite de mulheres letradas e que a educação era importante para a mulher ser valorizada socialmente.

A questão da educação é, precisamente, um dos temas que com mais freqüência encontramos ao longo da produção intelectual de Nísia Floresta, veiculada tanto em discurso e novela, como em ensaios e colaborações jornalísticas. As idéias que ela expressou nas obras, sem dúvida fundamentaram seu exercício do magistério, a que se dedicou durante vários anos.

Durante o período colonial não havia quase escolas no Brasil. Apenas os conventos e os seminários se ocupavam em fornecer uma instrução àqueles que os procurassem, mas seu número era insuficiente. Se aos homens ensinava-se a ler e a contar, as mulheres bastavam os trabalhos manuais, pois o androcentrismo da família patriarcal se encarregava de excluí-las, reservando aos homens os benefícios que a cultura pudesse trazer.

Desde seu início, a educação feminina foi concebida a partir de uma visão romântica: precisava ser uma educação calcada na religião e na moral, necessária apenas para estimular a dignidade e preparar a futura mulher para assumir as funções de mãe e esposa junto à familia. Tal projeto ficava bem distante, portanto, de um projeto de formação intelectualizada, reservada ao segmento masculino da população. A elas bastavam o ensino primário e o desenvolvimento das habilidades manuais, e os cursos secundário e superior lhes eram vedados.

Por tudo isso, a bandeira de luta pela educação das mulheres foi fortemente abraçada por aquelas que haviam conseguido romper o preconceito e destacar-se, de algum modo, na sociedade, como era o caso de Nisia Floresta". O redimensionamento do papel da mulher consistira, basicamente, na supervalorização das figuras da esposa e da mãe alçadas à categoria de "santas", uma vez que lhes cabe a "divina" missão de serem as guardiãs privilegiadas da família. E ao pai a última palavra, por ser ele o único mantenedor da família. Ela, a "rainha do lar"; ele, o cabeça, o chefe, o juiz.

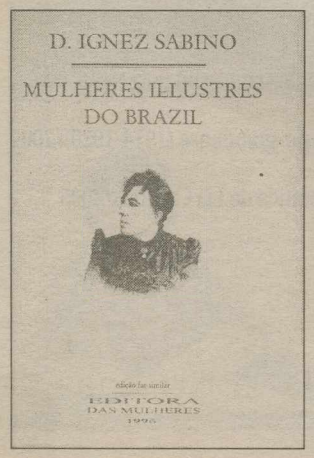
DICIONÁRIO DOS EDUCADORES

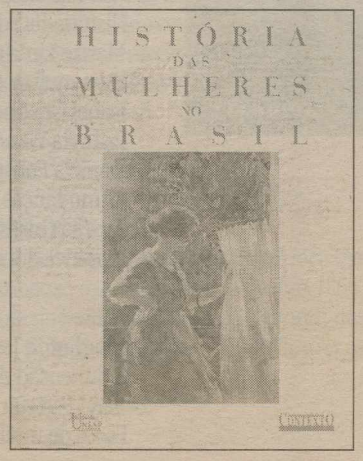
A última publicação a merecer destaque é "Dicionário de Educadores no Brasil, organizado por Maria de Lourdes de Albuquerque Fávero e Jader de Medeiros Britto, Ed. UFRJ -2ª Edição - 2002. Nessa obra, novamente a escritora Constância Duarte, baseando-se na obra de Nísia Floresta, prega a valorização da mulher através da educação. Ela defende a tese de que o progresso de uma sociedade depende da educação que era oferecida à mulher; e que só a instrução, aliada à educação moral, dariam maior dignidade e fariam da mulher uma melhor esposa e melhor mãe. Esses, aliás, seriam precisamente os objetivos da educação das meninas: torná-las conscientes de seus deveres e papéis sociais.

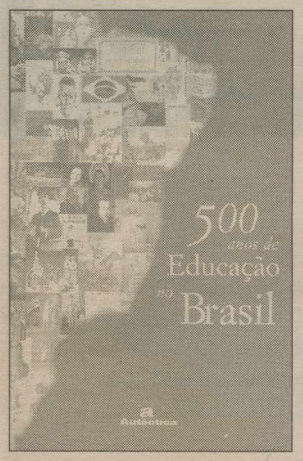
Na crítica às escolas e ao ensino, a autora utilizou dados oficiais do ano de 1852, e expõe um Plano de Educação para a mulher brasileira concebido por Nísia Floresta. É o momento em que melhor se percebe o jogo de formas e de influências a que a autora estava presa. Por um lado, próxima do pensamento liberal mais progressista; por outro, limitada por sua formação religiosa aos ditames conservadores do catolicismo. No primeiro caso, defendia a difusão em massa de escolas de primeiras letras para meninas em igual número das que eram criadas para meninos, exigia uma fiscalização severa do Governo na qualidade do ensino ministrado, lamentava o baixo rendimento intelectual da maioria das professoras. A autora endossava as modernas teorias higienistas na defesa da necessária educação para mulheres e crianças.

O progresso de uma sociedade depende da educação que é oferecida à mulher, só a instrução aliada à educação moral dão maior dignidade e fazem da mulher uma boa esposa,mãe e uma excelente profissional

Importantes produções literárias sobre a mulher no país



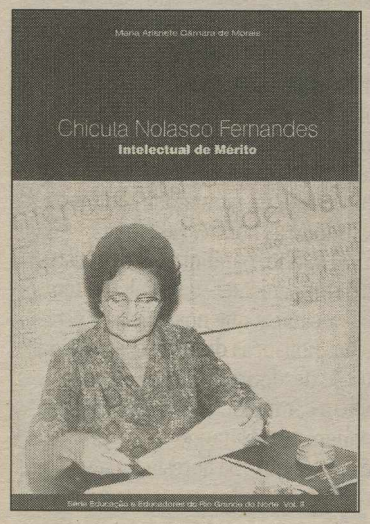




"Leituras de Mulheres no Século XIX" é um dos livros de Arisnete

Isabel Gondim, educadora e escritora

O estudo biográfico sobre a professora Chicuta Nolasco será publicado brevemente, numa parceria do Diário de Natal, através do Projeto Ler/DN Educação, e Governo do Estado



3- Maria da Conceição Flores
Uma mulher e um livro: Teresa Margarida da Silva Orta e as aventuras de Diófanes/2004
4- Manoel Pereira da Rocha Neto
A Educação da mulher norte-rio-grandense segundo Júlia Medeiros (1920-1930)/2005
5- Lígia Pereira dos Santos
Histórias do corpo negado: uma reflexão educacional sobre o gênero e violência feminina/2005
6- Maria Lúcia da Silva Nunes
Sociedade, Mulher e Educação nos romances de Graciliano Ramos/2005

LIVROS SOBRE A MULHER PUBLICADOS POR MARIA ARISNETE

A MULHER EM NOVE VERSÕES. ORG. (2001)

Trata-se da publicação de nove ensaios, redigidos por professores, alunos de pós-graduação e graduandos da UFRN. Entre a coleta de material, pesquisa, redação de textos e impressão da obra consumiu-se cerca de dois anos para que o trabalho ficasse pronto. Este é o primeiro registro coletivo da Base de Pesquisa que existe desde 1998.

LEITURAS DE MULHERES NO SÉCULO XIX (2002)

A pesquisa realizada por Maria Arisnete permite compreender de outra forma o passado e como foram criadas e tratadas as mulheres. Pelo menos, no Rio de Janeiro, na corte imperial, não só as mulheres liam, como também escreviam. "O resultado de muita vigilância se não provoca o assujeitamento, causa a explosão do sol, que continua espalhando faíscas que ainda cintilam em livros e jornais e nas herdeiras que são todas as mulheres".

CARROSSEL DE LEITURAS, ENSAIOS DE VIDA. ORG. (2003)

O prazer da leitura, enquanto fruição, que nos ensina Roland Bathes, leva-nos a refletir sobre a pergunta que ele faz: escrever no prazer me assegura o prazer de meu leitor? De modo algum, responde Barthes. O que se pretende mesmo é a possibilidade de uma dialética do desejo, do jogo de sedução entre o escritor e o leitor do outro lado da ponte dialógica. São momentos de enlevo e transporte grátis a mundos e perspectivas para além do cotidiano. O leitor é, assim, convidado a participar desse espaço, cuja senha denomomina-se desejo.

ISABEL GONDIM, UMA NOBRE FIGURA DE MULHER (2003)

Neste livro, Arisnete dá início à Coleção Educação e Educadores do RN, em parceria com o Projeto Ler/DN Educação do DIÁRIO DE NATAL, evidenciando a atuação de uma das mais ilustres personalidades femininas do Rio Grande do Norte, a educadora e escritora Isabel Gondim, tratando, sobretudo, o seu papel na construção da sociedade letrada norte-rio-grandense em fins do século XIX e início do século XX.

CHICUTA NOLASCO FERNANDES, INTELECTUAL DE MÉRITO (2006)

Este trabalho, ainda a ser publicado, é o segundo número da Coleção Educação e Educadores do RN. Nele, Arisnete tem a oportunidade de resgatar a história de uma das mulheres que mais admira, ainda mais por tê-la conhecido, na década de 1970, quando era normalista, e Chicuta Nolasco passou de professora à primeira diretora da escola normal. O trabalho aborda, dentre tantos outros aspectos da professora, a história da intelectual, laços de amizade com Noilde Ramalho, além do empenho que ela dedicava a enaltecer a figura da normalista.

NOMES DE DESTAQUE

ISABEL GONDIM (1839-1933)

Defensora do ensino público para as mulheres, Isabel foi a mais antiga escritora norte-rio-grandense residente no Estado. Em 1866 instalou sua primeira sala de aula no bairro da Ribeira. Colaborou nas revistas e jornais locais e lançou vários livros, dentre eles Reflexões às minhas alunas.

MARIA CAROLINA WANDERLEY CALDAS (1876-1954)

Conhecida como Sinhazinha Wanderley a professora autodidata trabalhou no grupo escolar Tenente Coronel José Correia, em Assu. Fazia parte de uma geração de intelectuais que, em sua grande maioria, descendia de famílias representantes das oligarquias rurais. Ela conseguiu o certificado profissional após os 40 anos de idade.

JUDITH BEZERRA DE MELO(1893-1984)

Diplomada em 1910 pela Escola Norma de Natal, Judith sabia música e francês. Tocava bem piano e bandolim. Casada com o também professor Severino Bezerra de Melo, ambos estiveram à frente do Grupo Escolar Barão de Mipibu durante muitos anos.

CRISAN SIMINÉA (1927-1995)

Atuando a partir dos anos 60, a professora Crisan Siminéa trabalhou em várias escolas locais entre elas, a ETFRN, Padre Miguelinho, Atheneu, Marista, Apec, entre outras. Autora da obra Ler e Reler, Crisan já defendia, em sua época, que o aprendizado do aluno seria mais consistente se ele estivesse imerso nos estudos de sua própria realidade.

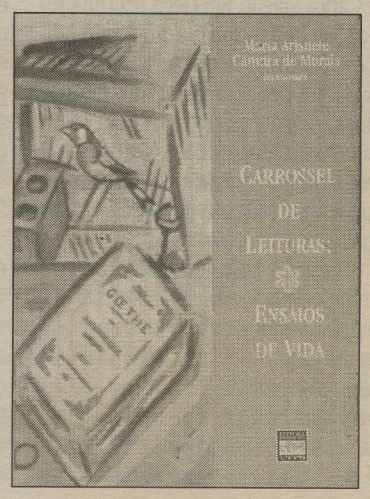
PALMIRA WANDERLEY (1894-1978)

Uma das primeiras mulheres com atuação no jornalismo potiguar, Palmira fundou - junto com outras colegas - a revista Via Lactea, primeira publicação do Estado editada só por mulheres, que circulou entre 1914 e 1915. Ela colaborou nos jornais do RN e nos periódicos de outros estados. Autora de dois livros de poesia, ela chegou a ganhar uma menção honrosa da ABL.

Os trabalhos podem ser consultados na Base de Pesquisa Gênero e Práticas Culturais: abordagens históricas, educativas e literárias, da UFRN. Coordenadora: Maria Arisnete Câmara de Morais. E-mail: arisnete@terra.com.br. Tel.: 3642 1373.

MARCOS NA EDUCAÇÃO FEMININA

- As ordens religiosas, sobretudo a dos jesuítas, são as instituições que primeiro se dedicam ao ensino no Brasil. No Rio Grande do Norte, o processo educativo começa quando são instaladas as vilas. Cabe aos missionários, inclusive, a tarefa da instrução civil e religiosa. As meninas são excluídas do ensino.
- Em 1827 surge, no Brasil, a primeira lei sobre educação das mulheres, permitindo que freqüentem as escolas elementares. As instituições de ensino mais adiantado são proibidas a elas.
- Dois anos depois, em 1929, Natal recebe a primeira aula feminina, da professora Josefa Francisca Soares da Câmara.
- Somente 52 anos depois, as mulheres conseguem autorização do governo federal para estudar em instituições de ensino superior, no entanto, as que seguem este caminho são criticadas pela sociedade.



"Carrossel de Leituras, Ensaios de Vida", organizado por Maria Arisnete, Ed. da UFRN

IRREVERÊNCIA COMO EXPLICAR UM COMPORTAMENTO TÃO ALÉM DO SEU TEMPO?

O fenômeno se explica na genealogia

Perguntam ainda hoje os historiadores e os críticos como explicar o fenômeno Nísia Floresta. Seria facilmente explicado se Nísia vivesse em nossos dias atuais, aliás, nem haveria necessidade dessa pergunta, pois seu comportamento não seria tão extraordinário assim. Mas acontece que Nísia Floresta viveu no Século XIX e desde Constâncio Alves a Roberto Seidl, passando pelo escritor Adauto da Câmara, Câmara Cascudo, sem esquecer o próprio Henrique Castriciano, é geral a surpresa. Gilberto Freire espanta-se com essa mulher vigorosa, "exceção escandalosa". Ao sociólogo de formação patriarcal surpreende o aparecimento de tão impressionante figura feminina, sobrepondo-se ao seu tempo de sinhazinhas dengosas.

À parte a singularidade do seu autodidatismo, Hélio Galvão, imortal da Academia Norte-rio-grandense de Letras, dizia não ser surpresa para seu "temperamento impetuoso e ardente, seu sangue quente e sua vontade caprichosa, sua inteligência pronta e ágil, suas tendências de indisciplinada liberdade, tudo isso encontra explicação razoável e legítima se recolocarmos o estudo de sua empolgante figura no conjunto da parentela vasta e incontável".

Vendo uma explicação na geanologia, Hélio Galvão explica: o avô materno de Nísia era o capitão-mor Bento Freire do Revoredo, um homem patriarcalmente influente e dominador, barão feudal de água-doce, às margens do Jacu, fecundando a dinastia dos Jundiás. O tio da escritora era Bento José Freire do Revoredo, revolucionário de 17, político vivo e habilidoso, propulsor da criação do município de Goianinha, sabendo vir a palácio e falando cara a cara ao presidente...

Uma tia, dona Francisca Freire, é outra Nísia Floresta em primeira edição, comprando gado em vez de escrever livros ou educar meninas. Casada com Félix Ferreira da Silva, que a deixou viúva logo cedo, sendo que as largas transações comerciais não o acompanharam na sepultura. A viúva comandava seus negócios como um verdadeiro homem, apesar dos três filhos para criar. Continuou a gerir os negócios com sucesso. "O anedotário criado por dona Francisca Freire é maravilhoso de graça e de bom humor, revelando uma inteligência soberbamente dotada".

Não menos coincidente com a vivacidade de Nísia, o gesto de uma prima sua, que ao experimentar as inesperadas revelações da maternidade e as surpresas do primeiro parto, promete perante à parteira e o bebê em gritos solenes não mais voltar àquela situação vexatória, separando-se do marido...

Na opinião de Hélio Galvão, as condições temperamentais de Nísia Floresta, enfrentando os princípios vigentes na educação doméstica do seu tempo, rompendo uma série de obstáculos contrários à satisfação de suas tendências, correspondem justamente às de sua família. Entram num encadeamento natural, e gestos e atitudes por ela assumidos não são mais que legítimas hereditárias no inventário das qualidades e defeitos da sua gente.

À luz dessa experiência Nísia está explicada. Compreendemos agora porque se fez precursora do feminismo. E alcançamos as razões e o sentido de suas viagens, idas e vindas, num nomadismo que tão bem a define e caracteriza. Nísia, portanto, feminista, preceptora, enfermeira, poetisa, conferencista, escritora, abolicionista, memorialista e moralista, é fenômeno para ser explicado no complexo da sua genealogia, na trama psicológica de sua família, onde refervem três sangues borbulhantes. "Isto não diminui nossa grande conterrânea. Antes, agiganta-a, aumenta-a, cresce-lhe a sedutora personalidade", conclui Hélio Galvão.

E qual a religião de Nísia?

Qual a religião de Nísia? Os historiadores mais antigos não ousaram negar que foi católica. Nas cidades por onde passa tem predileção especial pela visita às igrejas. Entra na catedral de Eix-la-Chapelle, onde esteve diante do túmulo de Carlos Magno. Em Liége, reza na igreja de São Tiago pela alma do marido. Edifica-se com a piedade dos católicos ingleses: "Custa-nos a confessar que antes de irmos à Inglaterra, não havíamos sentido, ao entrar em um templo do Senhor, esse profundo recolhimento que inspiram à alma religiosa os lugares consagrados ao seu divino culto".

Censura o costume, ainda hoje vivo e reprovável, dos grupos às portas dos templos, durante as cerimônias religiosas. Freqüenta o bispo de Mondovi, na Itália, esse prelado adotava nas escolas paroquiais os "Conselhos à minha filha". Faz a apologia das Irmãs de São Vicente de Paula e tem por elas tal respeito que sente desejos de ajoelhar-se "perante essas virgens modelos, e adorá-las".

Para o escritor Adauto da Câmara, o catolicismo de Nísia era de Lammennais, tolerante e condescendente, aquele catolicismo liberal que Pio IX enfrentou e venceu, repondo-o na disciplina do dogma. "A religião de Nísia era aquela muito em moda no seu tempo, sem consistência doutrinária, vazia de conteúdo, despida de convicções. Religião sem fé interior, sem adesão total do ser, que nos faz crer profundamente e transforma em suaves claridades as sombras dos mistérios e em consoladoras certezas as verdades sobrenaturais.

Já para o escritor Hélio Galvão, suas idéias religiosas variam sem segurança de orientação, mescladas ao naturalismo de Rousseau ou ao positivismo de Comte. Chega a condenar o celibato eclesiástico. E proclama a inutilidade da pregação cristã, em prol do amor entre os homens:

"Não será a espada, mas o amor, que regenerará o homem, o cristianismo o prega em vão há perto de 1900 anos. Aguardamos que a religião da humanidade o realize um dia".

Noutro sentido, são também suas estas palavras, pregando um deísmo vago e inconseqüente:

"O sentimento religioso é, sem contestação, a mais bela e mais santa expressão da alma para o Criador. Sob qualquer forma por que se traduza, esta expressão é sempre solene, quando parte de uma crença sincera".

E sobre a educação religiosa da mulher:

"A religião é a cadeia indestrutível que liga a mulher aos seus deveres, a coroa mais preciosa que lhe cinge a fronte. A mulher sem religião assemelha-se àquelas lindas flores de nauseante cheiro, que se deve admirar de longe, sendo que o seu contacto infecciona o ar que respiramos. É a religião que fortifica e realça as qualidades femininas; é ela ainda que sustenta e consola todo indivíduo nas circunstâncias mais difíceis da vida, a bússola invariável que lhe indica seus deveres, e o conduz ao exato cumprimento deles".

Adianta uma censura aos pais e sacerdotes:

"Entretanto, nada em nossa terra mais desprezado pelos pais e pelos párocos que o ensino da religião. Onde, no Brasil, o assíduo cuidado de uns e de outros, de inspirarem à mocidade os salutares princípios da fé de Cristo"?

Defensora da liberdade de culto, Nísia faz veementes críticas à moral católica conservadora, reprova enfaticamente o celibato eclesiástico como uma violação à lei da natureza e condena o poder temporal dos papas como a principal razão da adulteração da doutrina cristã. Para pesquisadores mais jovens, como é o caso da jornalista Nathalie Câmara, Nísia demonstra misticismo ao relatar em um dos seus livros a experiência onírica que teve ao sonhar com Cincinnatus (V.519 a. C), glorioso soldado e general romano de origens camponesas, que, após as várias batalhas que travou, decidiu voltar ao campo, recluso, na labuta diária da terra, recusando as honras da guerra.

"O sonho, parábola sobre a história da humanidade - uma volta no tempo -, a catarse que nos revela as aspirações holísticas de Nísia e a profecia que se desdobra aos seus olhos, durante a caminhada com Cincinnatus, quando, perscrutando o universo alheio, mergulha na floresta do seu próprio imaginário".

PESQUISA ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL, MÉDIO E SUPERIOR CONCORREM A R$ 35 MIL EM PRÊMIOS

Concurso de redação

vai prestar homenagem à educadora Nísia Floresta

Márcio Cotrim, Diretor-Executivo da Fundação Assis Chateaubriand

Após homenagear personalidades que tiveram atuação marcante na área social, como Juscelino Kubitschek, Oswaldo Cruz, Paulo Freire e Josué de Castro, o Prêmio Nacional de Redação Assis Chateaubriand, em parceria com a Fundação Banco do Brasil, homenageia agora a educadora e poetisa brasileira do século XIX. Este ano na sua 12ª edição, o concurso traz como tema "Nísia Floresta: uma brasileira à frente do seu tempo". O objetivo é motivar os estudantes para a pesquisa e, em seguida, escrever um texto sobre o assunto, dentro do projeto de incentivo à educação e à cultura da Fundação.

Podem participar alunos de escolas e universidades públicas e privadas do País. A premiação, no entanto, será dividida por categorias - Ensino Fundamental (1ª a 4ª séries e 5ª a 8ª séries), Ensino Médio e Ensino Superior. Além de diplomas, serão oferecidos prêmios em dinheiro aos três primeiros colocados de cada nível de ensino, num total de R$ 35 mil. As redações serão recebidas até o dia 31 de agosto de 2006.

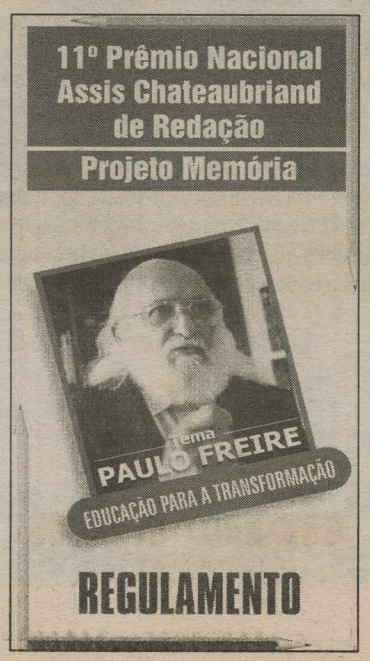
O Prêmio Nacional Assis Chateaubriand de Redação é uma iniciativa da Fundação Assis Chateaubriand, entidade corporativa dos Associados, em parceria com a Fundação Banco do Brasil. O tema do concurso é escolhido de acordo com a temática do Projeto Memória, programa da Fundação Banco do Brasil que, desde 2002 - ano em que as duas fundações se tornaram parceiras -, homenageia personalidades que fizeram diferença na luta para inclusão social. Nísia Floresta, no entanto, é a quinta contemplada.

De acordo com Márcio Cotrim, Diretor-Executivo da Fundação Assis Chateaubriand, a escolha de Nísia Floresta para ser tema desta edição partiu da idéia de prestar uma homenagear não apenas a uma personalidade histórica, mas, sobretudo, a uma mulher que foi pioneira na defesa do acesso da mulher à educação. "A proposta do concurso é mobilizar uma grande quantidade de alunos sobre temas de interesse nacional. Agora, Nísia Floresta terá sua memória resgatada dentro das salas de aula de todo o País", disse.

A comissão julgadora do Prêmio Nacional Assis Chateaubriand de Redação, considerado o mais importante evento do gênero no Brasil, é comporsta por professores, escritores e líderes culturais de Brasília, cidade sede da Fundação, onde irão analisar e julgar cada texto inscrito, "chegando a um resultado neutro e justo", enfatizou Cotrim.

Os trabalhos devem ter no máximo 150 linhas manuscritas, datilografadas ou digitadas em computador (corpo 12 - fonte Arial com espaçamento simples) e ser apresentado em duas vias. Cada concorrente pode apresentar, no máximo, três trabalhos, que devem ser realizados individualmente, e serem inéditos, originais e criativos. Trabalhos em forma de poesia não serão aceitos.

Os trabalhos devem ser enviados junto com uma ficha de identificação, contendo as seguintes informações: título do trabalho, categoria a que concorre, nome e endereço completo do estudante, nome do estabelecimento em que estuda e nome do(s) professor(es), caso a redação tenha sido tarefa recomendada em sala de aula. Existem duas formas de envio. Ao 12º Prêmio Nacional Assis Chateaubriand de Redação / Projeto Memória - Fundação Assis Chateaubriand, SIG, Quadra 2, Lote 340 CEP: 70610-901 - Brasília/DF; ou para o endereço eletrônico: fac@correioweb.com.br.



PREMIAÇÃO NACIONAL

Ensino Fundamental
1ª a 4ª séries:
1º lugar - R$ 2.000,00
2º lugar - R$ 1.000,00
3º lugar - R$ 500,00

Ensino Fundamental
5ª a 8ª séries:
1º lugar - R$ 4.000,00
2º lugar - R$ 2.000,00
3º lugar - R$ 1000,00

Ensino Médio
1º lugar - R$ 6.000,00
2º lugar - R$ 3.000,00
3º lugar - R$ 1.500,00

Ensino Superior
1º lugar - R$ 8.000,00
2º lugar - R$ 4.000,00
3º lugar - R$ 2.000,00

Premiação Estadual

Ensino Fundamental
1ª a 4ª séries:
1º lugar - Um DVD

Ensino Fundamental
5ª a 8ª séries:
1º lugar - Um aparelho de som

Ensino Médio
1º lugar - Um computador

Ensino Superior
1º lugar - Um computador com impressora

O DIÁRIO DE NATAL, por pertencer ao grupo dos Associados, está sendo um grande parceiro 12º Prêmio Nacional de Redação Assis Chateaubriand, tendo em vista que Nísia Floresta nasceu no Rio Grande do Norte. Por isso, além de contribuir para a divulgação de estudos sobre a educadora para todo o Brasil, o Projeto Ler/DN Educação irá premiar alunos do Estado inscritos no concurso de uma forma diferenciada. Ao invés de premiar em dinheiro as três colocações por categoria, apenas o estudante que obtiver o primeiro lugar será contemplado, independente do resultado nacional. Aos alunos de Ensino Fundamental de 1ª a 4ª séries será sorteado um aparelho de DVD. Àqueles de 5ª a 8ª séries, um aparelho de som com CD. O primeiro lugar do Ensino Médio receberá um computador, e para o Ensino Superior será sorteado um computador com impressora. A organização não-governamental Companhia TerrAmar é parceira do projeto no Rio Grande do Norte e vai ser responsável pela divulgação do concurso nas escolas de todo o Estado.

ARTIGO **WILMA MARIA DE FARIA ***

Nísia, um símbolo vivo entre nós

AMP. Eloy Ribeiro / Instituto Histórico e Geográfico do RN

O nome de Nísia Floresta é sinônimo de pioneirismo na luta pela emancipação da mulher no Brasil e pela garantia dos direitos das minorias. Falar de Nísia é sinônimo também de orgulho de todo povo potiguar, especialmente, para nós mulheres. O seu pioneirismo nos comove e nos dá sustentação, mostrando a todas a força que temos em comum, independente do que temos e do que somos, para a transformação da sociedade.

A força de Nísia como feminista numa sociedade essencialmente patriarcal, em pleno século XIX, é para nós um exemplo de que precisamos conquistar, a cada dia, mais espaços porque a experiência tem mostrado que a atuação da mulher é essencial para a solução de questões sociais, como a educação, o trabalho, a assistência à saúde e a administração pública. O fato é que a luta pelos direitos da mulher e igualdade entre os sexos é tão antiga que parece não terminar, tornando os escritos de Nísia Floresta tão atuais porque têm a ousadia de falar para o mundo inteiro que a mulher tem seus direitos.

O pioneirismo que marcou a sua vida também foi uma marca que sempre tive o prazer de estar ao meu lado. Eu tive o privilégio de ser a primeira deputada federal do Rio Grande do Norte, a primeira prefeita de Natal e a primeira mulher a governar o Estado. Mas em todas essas atribuições que a sociedade norte-rio-grandense me confiou, sempre estavam presentes as três missões sagradas que comprovam a força feminina: as funções de mulher, mãe e professora, tão bem traçadas e descritas por Nísia Floresta.

A mulher professora é o símbolo da educação como direito constitucional pleno e inegociável. Hoje, as mulheres representam a maioria absoluta dos trabalhadores em educação. É com dignidade e sacerdócio que se cumpre a tarefa de formar gerações, levar o conhecimento e fazer, na prática, a educação um instrumento efetivo de transformação social. Por isso, essa edição do DN Educação se reveste de grande importância para o estudo da cultura e das letras no nosso Estado. O DIÁRIO DE NATAL, através Projeto Ler, está de parabéns.

Nísia Floresta pregou a cidadania ostentando as bandeiras de valorização do ser humano, independente de sexo, raça, idade ou posição social. Ela defendeu os índios, combateu a escravidão, pregou a emancipação feminina através da educação. E hoje, tanto tempo depois, a luta ainda é a mesma. Somente a educação pode transformar a nossa sociedade. Por isso, Nísia Floresta é um símbolo vivo entre nós, educadoras, em cada sala de aula, em cada escola, em cada mente progressista e continuada do nosso professor, combatendo as desigualdades e anunciando que dias melhores virão.

** Professora e Governadora do Estado do RN*

GOVERNO DE TODOS
Trabalhando pra valer